

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA- UFSC
UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE- UNIPLAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

CULTURA ESCOLAR. ESTUDO DE CASO NO BAIRRO “H” EM
LAGES S. C.

JANE DE FÁTIMA DÄUM

FLORIANÓPOLIS SC, JULHO DE 2001

CULTURA ESCOLAR. ESTUDO DE CASO NO BAIRRO “H” EM
LAGES S. C.

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito ao título de mestre. Curso
de Pós-Graduação em Sociologia
Política sob a orientação do Professor
Doutor Paulo José Krischke.

AGRADEÇO...

A Deus, minha fonte de luz, força e coragem.

À minha mãe (in memoriam), a primeira a me incentivar e rezar por mim.

Aos meus filhos, Júntor e Fernanda, grandes companheiros de todos os momentos.

Aos amigos, pelo apoio e compreensão.

Ao meu especial orientador, professor doutor Paulo José Krichke, pelo carinho e confiança.

“Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais utilizo do patrimônio cultural (...) mais aumenta minha responsabilidade com os homens”.

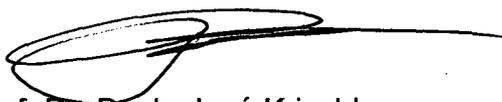
(Paulo Freire)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

Cultura Escolar. Estudo de Caso no Bairro “H” em Lages/SC

Jane de Fátima Däum

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:



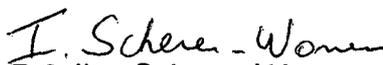
Prof. Dr. Paulo José Krischke
Orientador



Profa. Dra. Janice Tirelli Ponte de Sousa
Membro



Profa. M.Sc. Jane Bittencourt
Membro



Profa. Dra. Ilse Scherer-Warren
Coordenadora

Florianópolis, julho de 2001.

SUMÁRIO

Agradecimento.....	3
Resumo.....	6
Abstract.....	8
Introdução.....	10
Capítulo 1	
A Democracia e a Participação: Alternativas para a Crise.....	16
Capítulo 2	
Educação: Entre o Essencial e a Essência.....	35
Capítulo 3	
Eixos e Desleixos. A Escola: Manhas e Artimanhas.....	42
Capítulo 4	
Um Jeito Novo de Apresentar o Velho.....	71
Conclusão.....	82
Referencial Bibliográfico.....	86
Anexos.....	89

RESUMO

Um dos pontos de partida para a realização e desenvolvimento desta pesquisa, é a relevância que o assunto e o tema propõe, relacionada à participação de uma comunidade em busca da democracia. Preliminarmente, vale citar a pesquisa realizada em 1992, pelo professor doutor Paulo Krischke, “Participação e Cultura Política”(Revista Municípios 2000), tendo como objetivo, na época, avaliar a cultura política dos moradores (suas “orientações cognitivas, afetivas e valorativas”, segundo as definições clássicas da cultura política), nos termos da relativa complexidade de sua validade normativa compartilhada; utilizando como referencial teórico e conceitual, as categorias de Habermas/Kohlberg. A pesquisa ora apresentada tem como objetivo fazer um estudo de caso no mesmo bairro, relacionando à cultura escolar e à importância da participação dos pais nos movimentos sociais, vividos na época de sua criação e a busca da democracia

Nos capítulos que compõem essa dissertação é tratado o desempenho dos diversos agentes locais, em assuntos relacionados à escola, entre estes: as relações de poder entre direção, professor- e aluno , pais- alunos e comunidade; currículo e metodologias; questões de disciplina e do cotidiano da escola. Sem dúvida o que inspirou a pesquisa foi o importante papel desempenhado pela comunidade em relação à participação democrática, principalmente os fatos ocorridos nos anos 80, que permitiram à comunidade a tomada de decisões e a participação na construção de suas próprias moradias, problema maior enfrentado pelas prefeituras da época. Da crise, surgem as idéias que tornaram possível a realização do sonho de várias famílias. Com tantas conquistas adquiridas na época, surgem os questionamentos, hoje, sobre as relações desse desenvolvimento com a cultura escolar na mesma comunidade, dando espaço às perguntas que não são fixas, mas orientam a pesquisa: Qual a participação dos pais junto à escola e à comunidade, e como sua participação influencia, hoje na cultura escolar.

Sobre esses e outros questionamentos que fazem parte da dissertação, vários autores trazem contribuições para a compreensão e elucidação das dúvidas, na pesquisa anterior Habermas/Kohlberg; hoje, relacionando à educação, Vigotsky, entre outros, que de alguma forma tornam claro o processo

educacional, ou pelo menos, tentam. O entrosamento entre os agentes que viveram a história dos anos 80 e os que vivem a de hoje, sem dúvida foi o que tornou possível encontrar meios para a realização deste trabalho, que mostram o quanto é valioso conhecer o cotidiano da escola em seu contexto histórico- cultural. Só assim foi possível compreender, tanto para as pessoas da época anterior, como para s de hoje, o quanto é importante participar historicamente, sendo eles os verdadeiros agentes da realidade de que todos fazemos parte.

ABSTRACT

The importance of community participation in the search for democracy was starting point for the implementation and development of this research. Initially, it is worth citing Prof. Paulo Krischke's 1992 study, "Social Participation and Political Culture" (Revista Municípios, 2000) which proposed an evaluation of the political culture of a Lages neighborhood (its "cognitive, affective and evaluative orientations", according to the classic definition of political culture) in terms of the relative complexity of its shared normative validity; using the categories of Habermas/Kohlberg as a conceptual/theoretical framework. The research presented here puts forward a case study of the same neighborhood, focusing on the local school and participation of the people who were previously members of social and their search for democracy.

The chapters of this thesis focus on the behavior of various local agents vis-a-vis the issues related to the school, among them: power relations among the school director, teacher-students, parents-students and the community; school curriculum and methodology; issues of discipline and the daily life of the school. There is no doubt that what inspired this research was the important experience of the community in terms of democratic participation, especially in the events of the 1980s. At that time, neighbors were allowed to participate in the decision-making affecting their community, and to engage in the building of their own houses, in order to solve the major problem of low-income housing faced by the city administration. From this crisis emerged the ideas that made the dreams of these families come true. The success of that time raises today the questioning of the possible relations between developments and the difficulties of learning now faced by the same community. These questions are not only ones, but they serve as some of the guidelines for this research: What is the participation of the parents in the school and the community, and how does this participation (or lack thereof) affect the school?

Various authors contribute to the understanding and explanation of our doubts, on these and other questions. The previous research relied on Habermas/Kohlberg in relation to political culture. As we focus on education here though, it is Vigotsky, among others, who clarifies the educational

process. Certainly, it was both the interplay and the discontinuity among the agents who lived the history of this neighborhood in the 1980s, and those who live it today, made this research possible. And this shows how valuable the knowledge of daily life at school is, in its historic-cultural context. It makes it possible for the neighbors who lived here before, as well as for the newcomers today, to realize the importance of historical participation, as the true agents of a reality in which we all share.

INTRODUÇÃO

Ao questionarmos o sistema educacional brasileiro, constatamos uma tendência por parte das elites dominantes em salientar a qualidade do ensino, relacionando-a às "excelentes condições materiais", pretendendo ser esse um modelo ideal e inquestionável para a formação do cidadão pleno e crítico, o qual desfrutará, segundo esta lógica distorcida, de todos os direitos sociais, expandindo a cidadania a todos os brasileiros.

Nas últimas décadas, a educação brasileira tem sido influenciada por várias políticas e tendências pedagógicas: tentativas de democratizar o acesso à escola pública, formação de mão-de-obra qualificada para atender os modelos desenvolvimentistas (ensino profissionalizante), tecnicismo, somando a este, o ensino integrado através dos ciclos e classes de aceleração. No entanto, o ensino continua seu processo rotineiro: aulas expositivas e dialogadas, utilizando como recurso principal o livro didático.

Este mesmo processo que reina há décadas, reforça em nossa prática o modelo educacional que tem se mostrado pouco eficiente em preparar cidadãos, insistindo na desconsideração em relação à participação, à criticidade e à criatividade, como elementos privilegiados para a construção da cidadania. A competitividade, a passagem pelo funil social, o individualismo, e a especialização técnica são as metas dominantes dessas tendências pedagógicas e políticas educacionais, prometendo aos bem sucedidos a ascensão social, mesmo que em detrimento dos demais.

Com vistas a questionar esse contexto, esta pesquisa pretende abordar criticamente o sistema educacional na Rede Municipal de Lages, levantando elementos para compreender o sistema de ensino, situando especificamente a Escola "Sonho Feliz", no Bairro "H"¹.

¹ Os nomes da Escola, Bairro e entrevistados são fictícios.

Os agentes talvez sejam os mesmos, uma vez que os jovens daquela época são os pais das crianças e jovens pesquisados hoje. A realidade contextual sem dúvida é outra, mas o objeto da pesquisa visa obter maiores esclarecimentos em relação à cultura escolar e problemas de interação social.

O bairro “H” há algum tempo destaca-se por pertencer a um bairro que tem sido alvo de pesquisas, sendo este considerado de grande importância para a história da cidade de Lages. Menciono a pesquisa realizada por Krischke (1992), relatada no texto “Participação e Cultura Política” (Revista Municípios, 2000), porque foi através dela que encontrei inspiração para desenvolver este trabalho, ou seja, essa nova pesquisa no mesmo bairro.

A pesquisa anterior teve como objetivo, na época, a avaliação da cultura política dos moradores (suas “orientações cognitivas, afetivas e valorativas”, segundo as definições clássicas da cultura política), nos termos da relativa complexidade de sua validade normativa compartilhada; utilizando como referencial teórico e conceitual, as categorias de Habermas/Kohlberg.

Para dar cumprimento a tal intenção, percebo a necessidade de salientar algumas dimensões das políticas educacionais, num sistema de reprodução que leva à exclusão da maioria, aumentando as desigualdades na sociedade brasileira. Tal processo de exclusão é ressaltado na análise de Demo (1997), referente à nova Lei de Diretrizes e Bases - 9394/96, salientando o descaso das políticas públicas brasileiras em relação à educação.

A exclusão no processo educacional articula-se, desta forma, com os profundos mecanismos de discriminação de classe, de raça e gênero, historicamente existentes em nossas sociedades, processos esses que caracterizam a dinâmica social assumida pelo capitalismo contemporâneo.

Por este viés, o estudo das políticas educacionais desvela-se como centro de interesse, para aqueles que desejam aprofundar o conhecimento sobre a educação e suas relações com o meio externo, representando ainda uma oportunidade privilegiada para adquirir experiência política e social.

Kohlberg, um pesquisador alemão naturalizado americano, dedicou-se ao estudo da teoria piagetiana, centrando suas preocupações nas questões morais. De acordo com ele, a teoria do desenvolvimento da consciência, ou seja, o desenvolvimento da capacidade de julgar moral e cognitivamente efetua-se da infância, até a idade adulta e passando pela adolescência, seguindo um modelo invariante; o ponto de referência normativo da via evolutiva analisada

empiricamente é constituído por uma moral guiada por princípios: nela a ética do Discurso pode-se reconhecer em seus traços essenciais.

A teoria do desenvolvimento moral utiliza resultados da ética filosófica para a descrição das estruturas cognitivas que subjazem a juízos morais guiados por princípios. Três são os principais pontos de vista que Kohlberg introduz, a partir de premissas formadas pela filosofia: cognitivismo, universalismo e formalismo.

As categorias de Habermas e Kohlberg sobre o desenvolvimento moral e cognitivo analisam as estruturas cognitivas e as perspectivas sociais dos indivíduos. A fundamentação da teoria apresentada por Habermas, consiste inicialmente em dois passos: Princípio da Universalização (U) e a argumentação comunicativa no mundo da vida, que é fundamentada na validade normativa compartilhada pelos participantes em interações.

O mundo da vida de Habermas, é uma realidade pré-estruturada simbolicamente e este conjunto de sentidos gramaticalmente pré-determinado, é entendido como o horizonte não-tematicamente dado, não questionado, em que os participantes de comunicação se movem comumente, quando se referem tematicamente a algo existente no mundo. Em resumo, o mundo da vida corresponde a três estruturas formadoras essenciais: cultura, personalidade e sociedade, que são seus componentes invariantes atemporais.

Kohlberg, por sua vez, distingue a teoria dos estágios morais em três níveis: pré-convencional, convencional e pós-convencional. Segundo Kohlberg, o processo de aprendizagem é a passagem de um estágio para outro, vindo ao encontro da Ética do Discurso, em concordância com Piaget, como um desempenho construtivo do aprendiz.

O nível pré-convencional baseia-se no reconhecimento da autoridade, orientando-se o comportamento a partir dos critérios de obediência, punição e recompensa. No nível convencional, é superada a fase anterior, valorizando-se o reconhecimento do outro num contexto normativo inquestionado. No nível pós-convencional, os comportamentos são regulados pelos princípios, para testar a validade das normas de ação. Constitui, este último, o estágio mais elevado de desenvolvimento cognitivo e moral das sociedades contemporâneas.

Os temas desenvolvidos e a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa vêm contribuir significativamente para compor os capítulos que tornam possível dar significado à intenção inicial proposta. Os desafios constantes objetivando esclarecer e compreender o processo que envolve os agentes sociais, tanto da comunidade como dos participantes do processo educativo, viabilizam um esforço de relacionar a teoria à prática. O desvelamento desta questão poderá contribuir para envidar esforços àqueles preocupados com este tema, no

sentido de levantar aspectos relevantes, para pensar novas teorias possíveis de tornar o processo educacional eficiente, e capaz de cumprir o seu objetivo social, deixando de ser apenas um reproduzidor do sistema social.

Para enfrentar esses desafios precisa-se de coragem, determinação e vontade para tornar possível aquilo que queremos fazer. Esta pesquisa concentrará o foco no papel dos agentes envolvidos na educação, na Rede Municipal de Ensino de Lages, visando levantar elementos para compreender o processo ensino-aprendizagem e a influência deste na trama social.

Para cumprir esta intenção a metodologia utilizada é composta em duas partes: revisão bibliográfica e levantamento de dados através de 30 entrevistados que, através do representante da CPP (Conselho de Pais e Professores), amigo, e uma das pessoas mais envolvidas com questões educacionais e por ser de confiança dos moradores foram indicados para esta pesquisa. Pais, alunos, professores, moradores do bairro, presidente da Associação de Moradores e representante da igreja demonstraram estar dispostos a contribuir com os trabalhos desenvolvidos.

A redação do trabalho entrelaça a discussão sobre a cultura escolar com a análise dos dados, num esclarecimento progressivo do tema que propomos. Foram realizadas entrevistas informais preliminares, isto é, primeiro se fez contato com as pessoas às quais se iria pesquisar, com o objetivo de encontrar apoio e confiança da comunidade para obter dados que tornassem possível a continuidade da pesquisa.

A revisão bibliográfica e o desenvolvimento de entrevistas, remetem para os objetivos desta pesquisa: verificar até que ponto o processo participativo dos pais influencia no desempenho de seus filhos na escola, em relação à aprendizagem e desenvolvimento da cidadania; analisar o currículo, a proposta e o fazer pedagógico; determinar o grau de envolvimento participativo do aluno no processo pedagógico.

As perguntas foram formuladas para todos os entrevistados, tanto na etapa preliminar como na fase posterior, seguindo um roteiro, o qual não é fixo, mas que orienta os questionamentos. Por exemplo:

A participação dos pais na comunidade influencia na aprendizagem das crianças?

Qual a participação dos pais, da Igreja, do Conselho de pais e professores e Associação de moradores no trabalho junto à escola?

A comunidade, por ser considerada, na pesquisa de Krischke, como de alto nível, ou seja, o nível pós-convencional, traz contribuições e participa do processo ensino-aprendizagem?

A comunidade, tendo sua representação através da Associação de Moradores, continua participativa, ou as decisões são tomadas por pequenos grupos? O que continua dando certo a partir do que se viveu comunitariamente na gestão mais participativa havida antes?

Esses e outros questionamentos serão trabalhados nos capítulos que compõem a dissertação, onde os desafios serão constantes para se compreender o processo que envolve diversos agentes que atuam no plano educacional. Serão levantados certos pontos no que se refere à educação, como: planejamento, metodologia, currículos, disciplina, indisciplina, evasão, o cotidiano da escola e as relações de poder que se estabelecem no ambiente escolar, comunidade, e entre professor e aluno.

No primeiro capítulo, é tratada a importância da participação democrática, onde as pessoas exercem sua cidadania a partir da construção de suas casas, como forma alternativa para enfrentar as crises financeiras vividas nas diversas prefeituras deste país. Estimulada e vivenciada essa forma de exercer a cidadania, participando e opinando sobre questões reais, percebe-se a importância da participação e o quanto desenvolve uma comunidade, deixando de fazer parte de uma enorme lista de excluídos e marginalizados.

O segundo capítulo abrange questões de relevância, uma vez que trata da educação, tanto do ponto de vista das várias teorias, como nos encontros e desencontros da prática, contextualizando e remetendo à construção dessa história na qual estamos todos envolvidos. A teoria de Vigotsky é principalmente enfatizada, por ter sido adotada nos anos 90 pela secretaria municipal de educação.

Os problemas e conquistas do processo educativo, através de formas disciplinares e indisciplinadas, são desenvolvidos no terceiro capítulo, mostrando a atuação dos agentes que fazem parte da escola, agindo ou não por coerções e violências, simbólicas ou não.

Para complementar e acrescentar aos conhecimentos, o trabalho desafia de alguma forma, ao menos em parte, a validade atual da pesquisa anteriormente desenvolvida por Krischke, uma vez que no bairro certas modificações aconteceram. Mesmo assim, este trabalho e o anterior viabilizaram encontros com as pessoas que puderam dar sua contribuição à nova forma de apresentar descobertas, favoráveis ou não, esperadas ou surpresas, que tornaram possível envolver novamente diversos grupos que acreditam na democracia e numa

forma melhor de se viver, ou pelo menos possibilitaram acreditar que viver bem e participar, faz parte do sonho destes moradores, como de muitos cidadãos brasileiros.

Capítulo 1

A DEMOCRACIA E A PARTICIPAÇÃO : ALTERNATIVAS PARA A CRISE

O BAIRRO

O Bairro “H”, está localizado numa região atualmente pouco afastada do centro da cidade, tornando fácil o acesso das pessoas, pois já dispõem de transporte coletivo, uma conquista adquirida com reivindicações e luta dos moradores, que unidos conseguiram melhorias significativas.

Nos arredores do bairro, formaram-se outros bairros, não com a mesma organização, pois, através de sua história, essa conquista é mérito de pessoas que ousaram construir um local digno para se morar, apesar das dificuldades enfrentadas na época pelo jovem prefeito e sua equipe, como veremos.

Conhecer a história de um povo é emocionante, principalmente quando fazemos parte dessa história, vivida pela minha família como tantas outras. Nesta época de transição política e de grandes mudanças para o cidadão lageano, vem estudar em Lages um jovem vindo do Rio de Janeiro, com grandes sonhos. Envolve-se nas decisões acadêmicas da Faculdade onde cursava Ciência Sociais, um dos cursos mais procurados pelos acadêmicos, inclusive aqueles vindos de outros Estados como o caso do jovem Aldo, que já iniciava sua carreira como escritor e jornalista. Escrevia na época questões relacionados à realidade social, trazendo à tona alguns problemas locais através do jornal no qual trabalhava (não vem ao caso citá-lo) levando às pessoas um pouco da história, que escrevia com compromisso e responsabilidade.

Foi assim que conheci essa pessoa maravilhosa, um grande guerreiro que até hoje continua sua luta em favor do bem-estar das pessoas, através de suas obras escritas. Felizmente, esse jovem a quem me refiro tornou-se meu cunhado e agora posso relatar dados sobre uma época tão importante, já que ele continua a escrever memórias sobre a cidade. Ele possibilitou e permitiu relatar os dados sobre a cidade e o bairro, pois sabe da relevância que o tema requer.*

Muito se tem falado e pensado sobre a democracia na sociedade brasileira e no mundo. A democracia moderna, tal como vem se delineando nos países desenvolvidos, implica na crescente participação do povo nos problemas da vida cotidiana. A participação das comunidades, principalmente as mais empobrecidas, acontece para que se possa atingir a cidadania tão ambicionada pelas pessoas, pois sabemos que nem todos têm o direito a exercê-la.

Alguns casos de participação da comunidade são peculiares e reconhecidos nacionalmente pelo fato de tal projeção ter demonstrado a força que exercem as pessoas reunidas tendo um objetivo em comum. É o caso da comunidade do bairro "H" em Lages SC., que por necessidades relacionadas à moradia, teve o apoio da prefeitura local nos anos 80, possibilitando às pessoas que se reunissem em forma de mutirão, e a partir daí construíssem suas casas, e conseqüentemente seu bairro. O principal objetivo era fazer parte de uma sociedade mais justa, tendo acesso aos bens que garantissem a vida democrática, a da participação, indicando caminhos profícuos para a construção da democracia no Brasil.

Lages, não diferentemente de outras cidades brasileiras, sob o jugo dos tecnocratas que detêm o poder, não considerando ou prestando conta das necessidades da população, dominada pela oligarquia dos Ramos durante 42 anos, foi empobrecida pela exploração indiscriminada da madeira. Houve o declínio das indústrias madeireiras, situadas no perímetro urbano, e o encerramento dessas atividades por falta de matéria prima provoca a demanda de ex-trabalhadores das serrarias, que buscam na cidade a solução para os seus problemas, instalando-se nas periferias, ocasionando muitos transtornos pela falta de infra-estrutura, onde a mão-de-obra havia se qualificado somente para a exploração da araucária, no então ciclo da madeira. Com o colapso do ciclo da madeira todos os setores envolvidos, desde o sistema de manutenção mecânica, transporte, e prestação de serviços sofreram alterações, marcando o empobrecimento da população que invariavelmente atendia a dominação das elites, enfraquecendo e desconhecendo o exercício da cidadania.

* Texto e dados obtidos através de "Aldo", nome fictício

Por tantos anos com os olhos voltados para um tipo de economia, a população começa a sentir os efeitos do declínio econômico que marcara a vida das pessoas, impossibilitando que pensassem novas alternativas de vida e de subsistência.

Surgem os problemas conseqüentes pela falta de planejamento, como o desemprego, a criminalidade, a prostituição, os subempregos, a invasão de propriedades públicas e particulares, a construção de barracos e as favelas, a sub-vida.

Toda essa situação decorrerá da dominação de uma oligarquia, que marca profundamente a história de vida de muitos lageanos, que durante tantos anos foram “obedientes” a essa única opção de trabalho, de manutenção e aprisionamento em sua condição subumana, de trabalho mal remunerado, moradia precária, alimentação deficiente, enfim uma forma de vida que atendia somente à qualidade de vida do patrão.

O descrédito dessa herança do passado dá lugar a pessoas mais arrojadas, uma vez que o número de desempregados e o empobrecimento em níveis elevados passam a ser alvo de problemas que envolvem a sociedade como um todo, fazendo com que surjam novas perspectivas de mudança para um quadro negativo e preocupante para a sociedade lageana.

Sem dúvida, o Ciclo da Madeira foi impiedoso com o trabalhador, mas surgem novos ciclos, como o do papel que também trouxe saldos negativos, tanto para a população quanto para o solo e para os recursos naturais da região. Não conseguindo sobreviver a tantos problemas, a economia da região se obriga a reformular e reestruturar sua política sócio-econômica, buscando alternativas que superem o caos existente.

Nos anos 70, mais precisamente 1972, a população decide envolver-se mais, e sair de seu estado de marginalização, apoiando um candidato de esquerda, de oposição ao regime militar da época, o então MDB, na pessoa de Juarez Furtado e seu vice-prefeito Dirceu Carneiro.

A atuação de Juarez sem dúvida trouxe à população mais esperança de exercer sua cidadania, pois a administração era mais criativa, modernizante, embora clássica, no sentido de que se preocupou com a zona urbana, onde há maior concentração eleitoral, onde as obras saltam à vista. Bastante popular, envolvia-se com pessoas de todas as classes sociais, desde os de melhor posição social até o cidadão comum, o que o popularizou nas diversas camadas sociais, ao contrário de tudo que já se havia feito na região.”

Assim foi também o destaque até maior dado ao seu vice, que nas eleições seguintes, no ano de 1977, é eleito prefeito como mais um opositor ao regime das oligarquias. Ele

toma a frente da administração popular, contando com uma equipe bastante heterogênea, com idéias ainda em ebulição com vistas a uma administração voltada para o povo.

Em suas andanças pela região, Dirceu percebeu o “inchamento” da população e a conseqüente precariedade de vida da população da zona rural que se alojara nas periferias da cidade. Surgem idéias, a preocupação é evidente com tal situação, mas como sempre, um município pobre esbarra no problema mais conhecido de todos: a falta de verba para viabilizar projetos que possam transformar e melhorar as condições de vida tão precárias como as que se observara.

Com o objetivo de somar esforços, o jovem prefeito se vê em meio a sérias dificuldades, como a de administrar tantos problemas, sem dispor de recursos financeiros. E como envolver uma população sofrida e desacostumada a trabalhar comunitariamente e de forma organizada, como convencer de que estando todos unidos era possível transformar e mudar essa situação? Inicia-se então uma etapa que seria o marco de uma nova história a ser contada pelos cidadãos lageanos. A organização exige participação, era preciso então mostrar através de atos que as camadas populares são dominadas e exploradas porque lhes falta organização, o que é vital para que possam superar a situação de submissão.

Quanto à agricultura, não basta produzir em grande escala, é necessário investir na organização dos agricultores para saberem colocar seu produto no mercado.

Quanto à educação, é preciso que haja comprometimento dos diversos setores da comunidade com os interesses populares, contando com a participação efetiva do povo.

Com tantos projetos voltados para o povo e pelo povo, a prática de administração popular foi tomando forma, dando oportunidades para as comunidades expressarem seus anseios e necessidades, uma vez que eram ouvidas, e a partir dessas necessidades, tomavam-se providências para solucioná-las. Um exemplo disso é o caso da moradia.

Após tantos anos de miséria política e social, não era novidade que grande parte da população vivia em situação de precariedade quanto à moradia. Surge aí o maior desafio da gestão de Dirceu Carneiro, arquiteto e administrador popular que se tornou conhecido nacionalmente por sua capacidade de estimular a comunidade a se organizar, chefiando uma equipe de anti - burocratas, na qual seus auxiliares funcionam como “animadores sociais”.¹

Este pioneirismo contém um elemento fundamental para se efetivar, que é o da participação, criando vínculos entre a resolução dos problemas e a entrega de poderes de decisão à comunidade.

¹ Ver Folha de São Paulo 1980

Com o objetivo de mobilizar as comunidades da periferia urbana para participação ativa na busca de soluções dos problemas enfrentados por cada bairro, nasce a Associação de Moradores de Bairro, possibilitando sua participação nos processos administrativos do município, através de assembléias para deliberar interesses comuns, superando o paternalismo e fortalecendo a solidariedade comunitária. Essa forma de organização atendeu ao primeiro apelo da administração, fortalecendo-se e ganhando mais confiança no decorrer do processo, uma vez que as comunidades puderam demonstrar sua participação através de Lei Municipal 550/82, possibilitando que se pudesse enfrentar desafios e ousar criar projetos que fossem comuns às comunidades com amparo da lei.

Um dos projetos mais arrojados dessa administração foi a construção de casas populares, não aquelas financiadas pelo BNH, onde parte da população não tem acesso, a começar pelas exigências salariais absurdas que impedem as pessoas até de sonhar em construir o seu lar. Esse projeto novo visou possibilitar aos abandonados e marginalizados pela sociedade, construir um espaço decente para se morar com dignidade, formando família e sonhando com um mundo melhor, que aliás não é só um direito mas um dever enquanto cidadão.

Num bairro retirado é onde os pessoas que migram do campo, das fazendas agora desprovidas da exploração da madeira, alojam-se nos arredores da cidade formando favelas. É num desses bairros que a administração de Dirceu Carneiro se reúne convocando as pessoas da comunidade lageana, para juntos fazer nascer um bairro criado e organizado coletivamente com a participação do povo.

Essa nova forma de vida que estava surgindo, entre famílias com renda inferior a três salários mínimos, o Projeto Lageano, ficou conhecido como “O Mutirão”, escolha essa significativa como rejeição popular às denominações complicadas que os tecnocratas inventam para que se pense que são gente séria.²

O Mutirão do bairro “H” surge em meio a dificuldades, falta de verba e de material a ser utilizado na construção das casas, problema esse solucionado através de alternativas como o aproveitamento de materiais de construção de obras não terminadas, que são demolidas e doadas para esse projeto, sendo aproveitado também o desperdício de material, e formas alternativas de uso, simples e baratas encontradas na natureza, como o barro.

O coração do Mutirão é um depósito chamado “Banco de Materiais”. São encaminhados para esse banco os tijolos, a madeira, as telhas oriundas de demolições, e para

² Alves, 1980.: 49

fazer isso Dirceu Carneiro fez um decreto facilitando os alvarás de demolições e permitindo que elas sejam feitas por funcionários municipais e os materiais transportados em caminhões da Prefeitura, desde que fosse tudo doado ao Mutirão. Somente com os restos de um armazém derrubado pelo Bradesco na época, foi possível construir 25 casas, todas com a ajuda da comunidade.³

Através das necessidades da comunidade, esta agora mais criativa e inventiva, descobre-se junto à Prefeitura uma jazida de argila e areia, que passa a ser explorada até mesmo por crianças, aproveitando a comercialização e ajudando no orçamento familiar. Para a argila, foram criadas olarias experimentais, movidas a gasogênio, tornando-se independente à crise do petróleo vivido na época, marcando a criatividade do lageano. Contando com a abertura participativa do povo, as pessoas começam a pôr em prática seus conhecimentos, colaborando, dando idéias e encontrando soluções para cada dificuldade apresentada - como no caso das caldeiras, onde a experiência de um funileiro ajudou, mesmo sem identificação comprovada em documentos sobre seus dados profissionais, mas a caldeira funcionou graças à sua ajuda.

Outras experiências aconteceram na comunidade, todas em forma de mutirão, como a horta comunitária, a construção da Escola local, construída com a ajuda do povo e da sociedade lageana, com doações de materiais, mão-de-obra qualificada, mas gratuita, uma vez que a forma de trabalho de modo geral passou a ser compartilhada e participativa. A população, sabendo de um projeto voltado para a melhoria da qualidade de vida das pessoas, engaja-se e decide fortalecer essa forma de democracia local.

Outra decisão que chama a atenção da população refere-se à educação, onde, a partir de palavras geradoras alfabetiza-se em pouco tempo. Na época, a obra de Paulo Freire é o suporte teórico metodológico que embasa a prática educacional, mesmo que a grande maioria e até a própria administração reconhecesse desconhecer as obras de Paulo Freire. Foi no decorrer dos acontecimentos que se fez relações com sua teoria, confirmando a seriedade e a responsabilidade dos envolvidos no processo educacional da época, que agiram primeiro na prática para relacioná-la a partir daí com a teoria. Disso fala com orgulho a esposa do prefeito da época: "...estávamos tão envolvidos com a participação das pessoas que não se pensou numa teoria que antecedesse a prática, caminhamos durante muito tempo criando e desafiando nossos conhecimentos e o das pessoas envolvidas. Mais tarde buscamos a teoria e nos deixamos seduzir pelas obras de Paulo Freire."

³ Idem.,:52

Surgem então novas preocupações, como por exemplo: o conceito de participação popular, que pode vir a servir a interesses demagógicos, permanecendo os frutos do desenvolvimento inexoravelmente verdes para o povo. Se, entretanto, a participação tiver a sua dimensão política e econômica devidamente explicitada, e se for possível estabelecer um elo entre seus vários níveis, será mais fácil encadear o exercício de um processo democrático.

A projeção da experiência deu-se a nível nacional, tornando conhecida essa forma de participação sócio- política, relacionada a políticas habitacionais, permitindo e servindo de inspiração para pesquisas, buscando entendimentos e relacionado-as a estudos sobre a atuação dos agentes que de alguma forma colaboraram com a consolidação da democracia.

Um dos pontos de partida encontrados para iniciar a minha pesquisa, foi encontrar antigos moradores do bairro que conservam vivas as experiências de um remoto passado. Em algumas das muitas vezes em que nos encontramos, constatamos que a evidência saudosista deixou marcas, trazendo à tona a importância dos trabalhos desenvolvidos na época anterior, de forma coletiva, de ajuda mútua, no regime “mutirão”- que para muitos deles ainda continua como forma alternativa de sobrevivência. Pois as dificuldades continuam em relação à moradia, uma vez que os que chegam agora no bairro não encontram mais as facilidades oferecidas na época de sua formação nos anos 70, da então administração Dirceu Carneiro.

A ESCOLA *

A Escola “Sonho Feliz”, esta localizada no centro do bairro “H”. As ruas e o bairro foram projetadas pelo jovem arquiteto, então prefeito nos anos 80, com ousadia e criatividade, que agora passo a relatar sentindo a verdadeira emoção vivida pela esposa do prefeito.

Fundada aos 18 de março de 1981, a escola iniciou suas atividades com 463 alunos distribuídos nas seis salas construídas, dois banheiros e uma cozinha para atender crianças de pré à 4ª série.

Houve muita festa, com banda, música e foguetes, envolvendo toda a comunidade local e convidados que acreditavam na nova escola do bairro.

Lembro com emoção da jovem Ana, escolhida para administrar a escola, dizendo o quanto gostava de crianças e que tudo faria para manter o sorriso e a alegria daqueles que nela confiavam, marcando o início de uma caminhada, juntos, até 1988.

Deste ano em diante passaram mais duas diretoras pela escola, destacando-se entre elas, Neide, que conseguiu conquistar a confiança das pessoas, inovando na administração, trazendo os pais para participarem das atividades escolares. Encontros nos finais de semanas com palestras que tratavam de assuntos do interesse da comunidade, como: higiene, família, boas maneiras, etc. Realizava-se festas no dia das mães, dos pais, do estudante, da Páscoa, no Natal, enfim em datas significativas para todos, envolvendo a comunidade em momentos de lazer associado ao conhecimento contribuindo para o desenvolvimento da escola e do bairro, fortalecendo a cultura e o saber popular.

Sabendo-se da grande procura pela escola, e das necessidades sociais encontradas pela comunidade, cria-se em 1986, o Projeto PIPA (Programa Infantil de Assistência), tendo como objetivo atender crianças em horário integral, isto é, as crianças vão para a escola pela manhã, tomam o café, almoçam e lancham à tarde. Tudo isso acompanhado por professores que trabalhavam num regime de 40 horas aula, oferecendo ao aluno aula de reforço, oficinas pedagógicas com aprendizagem de uma profissão: bordado, sapateiro e tecelão.

A comunidade muito carente dependia do órgão mantenedor, a Prefeitura, que infelizmente não conseguiu manter o programa por muito tempo, apenas 3 anos, devido aos altos custos, voltando a escola a funcionar nos períodos normais: matutino, vespertino e intermediário, (das 17:00 às 20:00), para a segurança dos alunos e professores, uma vez que o bairro atualmente enfrenta sérios problemas com pessoas desocupadas que dificultam os trabalhos da instituição.

A escola localiza-se no centro do bairro, ao seu redor forma-se uma rótula com ramificações que dão lugar às ruas. O objetivo era realmente ser o centro das atenções para quem por ali passasse e quisesse conhecer o famoso bairro criado e construído com o esforço das pessoas.

A senhora Terezinha Carneiro emociona-se ao lembrar quais eram os sonhos para aquela comunidade quando de sua construção: “Nosso maior objetivo era permitir às pessoas o livre acesso à escola e ao bairro, ter conhecimento de como tudo se construiu, como foi planejado. Diferente das manipulações político partidárias, queríamos sim, uma comunidade arrojada, líder e participativa, que tome iniciativas, que ouse inventar e criar novos rumos sempre com vista à qualidade de vida das pessoas.

“Quando se projetou a escola, foram criadas salas individuais, em pequenos blocos, porque eram construídas com a arrecadação de material, mesma forma como foram

* Relato feito por Terezinha Carneiro, esposa do prefeito da época.

construídas as casas, em regime de mutirão, com a participação e ajuda de todos. Assim, aos poucos a escola foi ganhando espaço, novos blocos foram sendo construídos, até que se formou um círculo de pequenos blocos- as salas de aula- , uma maneira inovadora de tornar o ambiente escolar prazeroso e agradável. Onde as crianças e jovens tivessem vontade de permanecer, sem se sentirem prisioneiros, sem muros, com muitas flores e árvores que tornassem o ambiente além de bonito, um ponto de referência para a sociedade lageana”. (Por um momento sua voz embarga e as lágrimas descem pelas faces conservando uma beleza natural e serena).

Continua seu relato, já com menos empolgação, pois, revela as mudanças ocorridas, tanto no bairro, quanto na escola, e isso a entristece porque mesmo depois de tantos anos gostaria que algumas coisas se mantivessem. Cita por exemplo que ao redor da escola não se precisava de muros, mas ao mesmo tempo, reconhece a necessidade deles nos dias de hoje, e ao reconhecer cita o aumento da violência, o tráfico de drogas, o descontrole por parte da administração da escola quanto à permanência dos alunos no espaço escolar. Tudo isso é motivo suficiente para que as mudanças ocorridas tornem-se necessárias.

É necessário lembrar também as várias mudanças ocorridas nas políticas públicas e educacionais na cidade, inviabilizando a permanência do modelo estrutural anterior.

A estrutura do prédio da escola mudou muito. Foram construídas novas salas, mais modernas, com infra-estrutura, segurança, e mais arejadas, pois as antigas contavam com infiltrações nas paredes e no teto, trazendo transtornos para alunos e professores. Conservam apenas o formato em círculo e não mais separadas em blocos. Há sala para os professores, Tem uma biblioteca agradável. Auditório coberto que possibilita abrigar os alunos em dias de reuniões de pais e também nos dias de chuva. O pátio fica no centro da escola possibilitando segurança para os alunos. Foram construídas mais salas para atender as crianças de pré- escola e berçário, contando com profissionais habilitados em todas as áreas.

A escola tem uma área de 11.309,73 m, e 2.018,55m de área construída em alvenaria, atendendo atualmente 791 alunos, sendo 138 crianças na faixa de 0 a 6 anos - a Educação Infantil. Os outros distribuem-se até a 3ª fase do IIIº Ciclo, forma organizacional da escola atualmente, o que equivale à 8ª série do Ensino Fundamental, com mais de 54 profissionais dedicando-se à educação, entre eles: os serventes, os guardas e as merendeiras.

A escola por ciclos, surge nos anos 90, na tentativa de inovar a educação, prevista na LDB(Leis de Diretrizes e Bases – 9394/96), tendo como objetivo dar novo significado ao processo de ensino, trabalhando em função da idade- série.

Diferentemente da política educacional anterior, volta-se à valorização da educação por faixa etária, numa perspectiva voltada para a teoria de Piaget, valorizando as fases do desenvolvimento humano.

A escola por ciclos continua nos anos 2000, esbarrando nas incertezas e dúvidas, tanto de educadores quanto de alunos, pois a organização escolar desta forma também gera inseguranças.

No passado, ou seja, na administração anterior, trabalhou-se incansavelmente a proposta sócio- interacionista, através de constantes assessoramentos, que mesmo assim não foram suficientes para solucionar o velho problema: a educação.

Nesse ir e vir da educação, alguns profissionais continuam com suas dúvidas à respeito do que é melhor para o aluno, como diz dona Vera, professora, “Sabe, a gente nunca acerta a melhor forma para ensinar, o recurso é ser tradicional mesmo, fazer cópia, usar bastante o caderno de caligrafia, não dar muito tempo para eles ficarem sem ter o que fazer, senão vira uma bagunça. Essas crianças não querem nada com a escola. Aprender então! Não sei mais o que fazer. Estudamos bastante e chega aqui eles nem ligam, só querem encher caderno e ainda acham que sabem muito, porque a vida lá fora ensina coisas muito diferentes daquilo que a escola ensina ainda hoje”.

Mesmo assim não podemos esquecer do maior objetivo da criação do bairro e da escola, a vivência em comunidade e a organização em forma de mutirão. As conseqüentes mudanças políticas e educacionais são compreensíveis, uma vez que tudo no mundo muda o tempo todo. Mas no Bairro “H”, é possível perceber a capacidade das pessoas em participarem, reunirem-se no mesmo sistema de mutirão, isto é, trabalharem de forma organizada com vistas ao bem comum ainda nos dias de hoje.

Num dos encontros com as pessoas que estão tornando possível a realização desta pesquisa, conversei com a senhora Eva, uma das mais antigas moradoras do bairro, com 63 anos. Um pouco envelhecida, sua face dá mostras das dificuldades encontradas durante sua vida, e conta como tudo aconteceu para sua família: “(...) Chegamos aqui como a maioria das pessoas, sem nada, nem se sabia onde viver, porque sem dinheiro, o que se faz? Meu marido pára um pouco e corrige- , meu ex marido- (e ainda se desculpa por não ser mais casada), “porque isso para as pessoas do bairro ainda é difícil de aceitar. A senhora sabe né, tem que se cuidar para não ficar mal falada”. Logo chama o filho mais velho para dar o novo endereço do pai, na tentativa de demonstrar que é pessoa de respeito, como se refere, e continua ..., “ quem sabe mesmo contar tudo é o ‘pai dele’, mas lembro como foi difícil conseguir adquirir nossa

casinha, foi com a ajuda dos outros que se colocou cada pedaço do que hoje é uma casa. Fiquei sozinha após alguns anos, continuo na luta pelos outros e conservo o que tenho com muito amor, porque graças a Deus 'ele' deixou a casa para mim e meus filhos que ainda eram pequenos. Hoje os filhos já estão grandes e ajudam nas despesas da casa. Posso dizer que se vive bem aqui no bairro, como pode vê, a casa é bem boa, e nós fizemos alguma melhora nela, que é pra valorizá". "Eu acho que a senhora deveria procurar pelo Edir, ele vai ajudar muito mais, porque ele ajudou bem mais as pessoas e deve ter até retrato das coisa que fez".

Foi assim que procurei o Edir, que mora num ponto extremo da cidade em relação onde Eva mora, porque como ela mesmo diz: "é para nunca mais se encontrar!"

Os relatos da criação do bairro e da escola em vários momentos dão mostras da seriedade com que os entrevistados relatam, e em vários momentos se percebe a semelhança das histórias, pois os agentes citados vivenciaram as diversas etapas pela quais ambos passaram, proporcionando significativos depoimentos que contribuem para a história de um povo bravo e confiante em seus ideais.

Hoje, após tantos anos, ainda é comum acontecerem casos de ajuda mútua, mas com a ajuda da Igreja e de algumas pessoas mais antigas moradoras no bairro, é possível perceber a necessidade de conservar essa forma de vida, trazendo vantagens e tentando manter e fortalecer a comunidade.

Mesmo com as mudanças ocorridas em relação à participação e trabalho em grupo, a esposa do seu Jorge, 55 anos, morador no bairro desde sua criação, conta por quê ele não se encontra em casa quando o procurei para fazer a entrevista: "sabe, tem uma mulher que está no hospital, ela é bem de idade e não tem mais ninguém para ajudá, então meu marido e outros da redondeza foram arrumar um banheiro na casa dessa senhora, pois quando ela voltá vai percizá..

Ela vivia em condições precárias, mas aqui todo mundo trabalha direto e só tem tempo no final de semana. É cansativo fazer obras depois de uma semana sem parar, mas mesmo assim, estão lá, arrumando o banheiro, da mesma forma como se fazia há anos, um ajudando o outro que perciza".

Não é surpresa encontrar pessoas com essa disponibilidade, principalmente as mais antigas moradoras do bairro que, apesar da mudança nas políticas públicas, conservam o regime de trabalho em mutirão como alternativa para viver melhor, e para eles, um ajudar o outro faz boa vizinhança e tornam mais suave as dificuldade enfrentadas no dia- a- dia.

Outrora se utilizou as categorias de Habermas e Kohlberg para se entender o processo de desenvolvimento moral e cognitivo dos moradores do bairro.

No período compreendido entre 1994 e 2000, a Educação municipal fundamenta-se teoricamente na abordagem de Vigotsky trazendo significativa contribuição, uma vez que suas obras servem de suporte bibliográfico para desenvolver o presente trabalho, e aqui serão relatadas experiências, tanto favoráveis quanto desfavoráveis.

Cabe aqui relatar a forma como essa “educação de qualidade” chegou até as escolas, aos professores, para finalmente os alunos e a comunidade tomarem conhecimento.

Numa visão um tanto quanto favorável, a educação e sua nova proposta é vista com bons olhos num primeiro momento, pois trazia ideologias e políticas educacionais que conseguiram cativar muitas pessoas e outras tantas não.

Com tantas preocupações envolvendo a educação, a Secretaria Municipal da Educação de Lages toma iniciativas que envidam esforços relacionados a tão importante discussão, sistematizando em 1994, o Projeto Educa- Ação, em consonância com a nova gestão na Prefeitura Municipal, que acredita na melhoria da qualidade de ensino, e juntos dão vida a novas formas de educar, investindo em material didático especializado, na capacitação de professores e em metodologias atraentes que dêem conta de uma educação de qualidade.

A professora Clara, que ainda trabalha na escola municipal, dispõe-se a contar sua experiência.

“Nas escolas o cotidiano era marcado pelo uso de cartilhas, com pouco ou quase nada de significado em termos de conteúdo, dissociado da realidade estudantil, mas que para a grande maioria dos professores era a garantia de estar em sala de aula, sem que para isso fosse preciso estudar, atualizar-se e por que não dizer, era mais cômodo, pois, as cartilhas têm o livro do professor com as respostas certas, e o cabe ao aluno responder de acordo com o que foi perguntado, sem a preocupação de criar, mudar alguma coisa. Tudo era feito automaticamente, pensar de acordo com o pensamento do professor, tornando-se mera reprodução do que já estava pronto”. “E o interessante é que a maioria dos professores se acostumou com essa maneira de trabalhar, então quando começaram as mudanças, mesmo que impostas, houve reclamação geral. Eu fui uma que xingou, esperneou, era sempre do contra. Claro! Não havia entendido a proposta. Como iria fazer diferente se nem eles sabiam como fazer? Mas, um dos meus pontos fracos é a teimosia. Isso às vezes me ajuda, porque foi aí que comecei a exigir mais e mais explicações sobre a nova proposta. Na verdade quando acontecem essas mudanças nós queremos mesmo é receita de como agir diferente, e isso não

existe! alguém me alertou um dia. Busco ainda respostas para fazer meu trabalho cada vez melhor, sei que preciso me esforçar mais, mas, na minha opinião, o Projeto Educa- Ação teve suas glórias sem dúvida, porém, não nos esqueçamos que quando se quer construir um projeto é preciso que as pessoas que vão desenvolvê-lo saibam os caminhos a seguir, apesar da verticalidade com que são feitos!”

A professora Clara dá mostras de seu interesse pela educação e realmente continua muito esforçada, sempre que nos encontramos quer novidades para serem trabalhadas na sala de aula. Seus alunos a elogiam muito por sua dedicação e interesse pela aprendizagem, de forma agradável e organizada.

As lideranças político educacionais, tomam iniciativas na intenção de reformular o ensino, mesmo que para isso gerem desconforto e insegurança, uma vez que não há planejamento precedente, com o objetivo de tranquilizar a escola como um todo, apenas surgem as idéias, sendo levadas à prática através da imposição da nova prática pedagógica, apesar da Proposta Curricular do Estado estar fundamentada na concepção sócio-interacionista, muitos profissionais continuam alheios a esse conhecimento talvez por negligência ou por puro comodismo.

Mesmo que com tantos entraves e desacertos iniciais o projeto foi implantado verticalmente, sob o discurso que tudo estava sendo feito com vistas à qualidade da educação.

A luz da concepção sócio- interacionista, inspirada em Vigotsky, num processo dialético e histórico, começa uma longa caminhada de estudos, aperfeiçoamentos e capacitações de professores da rede municipal.

A teoria vigotskyana tem como conceito fundamental a mediação, como pressuposto da relação Eu-Outro, isto é, através das relações do indivíduo com pessoas mais experientes, independente das idades, é que ocorre a aprendizagem.

Para Molon (1999:123), Vigotsky priorizou fortemente a palavra social, chegando a definir que todo o social é cultural. A cultura para Vigotsky é precisamente o produto da vida social e da atividade coletiva criativa da cultura em uma dimensão anônima.

Para Vigotsky o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento através da mediação, centrando sua teoria nos processos sócio- históricos, e a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo.

As apostilas, editadas pela Módulo de Curitiba no Paraná, ‘pacote’ entregue às escolas, substituem as antigas cartilhas, permitindo às crianças a liberdade de expressão, e aos professores, a ampliação de seus conhecimentos, desacomodando muitos, trazendo dúvidas

que substituam as certezas que outrora eram a segurança e a manutenção de aulas pré-preparadas, reproduzidas de tal modo que não se pensava em planejar, era só mudar de capa velhos planejamentos. A desacomodação trouxe com certeza muitas dúvidas, mas junto a elas a busca de novas formas de se encaminhar o ensino, metodologias mais atraentes, maior interesse por parte de alguns, - sem dúvida -, porque muitos resistem ao novo, talvez por medo, insegurança, ou mesmo desinteresse em relação à cultura escolar, uma vez que, reproduzir o que está pronto há anos é mais “confortável”.

Durante os primeiros meses da sua criação, sem dúvida houve reações adversas, resistências, mas com o passar do tempo isso mudou, mesmo sendo um ‘pacote preparado’, pois se sabe que fazia parte da nova política local, dá lugar aos constantes assessoramentos da equipe da editora Módulo, posteriormente os professores da UNIPLAC –Universidade que assume junto à Secretaria da Educação assessoramentos semanais trazendo novas formas de ensinar, com prazer, criatividade e vontade de ter em nossa sociedade cidadãos críticos e participativos.

Em meio a descontentamentos de alguns e satisfações de outros, o projeto continua, fortalecendo-se cada vez mais, pois foi conquistando a confiança dos professores que com esforço passaram a conquistar os pais e as comunidades escolares, envolvendo diversos segmentos que acreditam na educação, pois resistir era inútil, melhor seria desenvolver o que estava posto, e encontrar alternativas de superar as dificuldades e aproveitar para capacitar-se, melhorando assim a qualidade profissional. Apesar da imposição, teve muitos adeptos que acreditaram nessa qualidade, aperfeiçoando-se enquanto educadores.

O fortalecimento da educação se dá na sua concretude, e profissionais que outrora foram capacitados, têm reconhecido seu trabalho sendo então convidados a fazer parte do grupo que assessora e traz novas capacitações. Nasce nessa época o Centro Pedagógico da Rede Municipal composto por professores vindos da sala de aula, com suas vivências, experiências e vontade de investir na educação, agora assessorando e dinamizando a aprendizagem, que para Vigotsky se dá pela interação e mediação do conhecimento.

Não podemos negar a mudança que ocorreu em termos de conhecimento para aqueles que realmente estavam dispostos a mudar, mas não podemos esquecer que muito do que existe é passageiro, sofre constantes mudanças, dependendo das esferas do poder que se estabelecem. Na verdade, o ano de 2001, em que as lideranças político partidárias mudaram, houve uma ruptura entre o que se havia conquistado,- mesmo que de forma vertical- , dando

lugar a novos fazeres pedagógicos, com as mesmas características anteriores, impostas pelo poder local, para aceitação de alguns e descontentamento de outros.

Esta trajetória de participação e busca da democracia, mais especificamente no bairro “H”, vem novamente no presente estudo chamar a atenção sobre sua relação com a política administrativa, agora relacionado-a, à cultura escolar, como tema de dissertação, valendo-se das experiências vividas outrora pela comunidade.

Hoje, como a comunidade exerce sua cidadania? A participação e envolvimento tem relações com a escola? As pessoas participativas nos diversos segmentos conseguiram passar para seus filhos essa ideologia, crítica e atuante?

A essas e outras perguntas, encontramos pessoas dispostas a contribuir, como Celio, casado, 49 anos, construiu sua casa no regime de mutirão e orgulha-se por ser morador e colaborador do bairro. “Eu cheguei no bairro ainda novo junto com meus pais que já partiram dessa vida, e posso garantir que pelo menos essa comunidade a qual conheço bem, ela exerce sim sua cidadania, o povo participa,- corrige- ou pelo menos participava quando tinha mais espaço para nós, mas não perdemos tempo, aquilo que aprendemos ensinamos pro filho. Lá na escola tem gente que diz que eles são muito ‘metido’, querem saber os porquês das coisas e precisa de sempre resposta para o que incomoda. Um dia meu filho queria saber porque não tinha aula mais tarde de noite, ele precisa trabalhar e o horário pra ele não é bom. Uns professores acharam ruim ele se meter no que era de direito da escola, deram umas respostas e o menino não se conformou e me chamou lá. Depois de muito conversar, entendemos que é melhor esse horário das 17:00 para garantir a segurança de todos, sabe pro que? Existe muito malandro que não quer estudar e vai pra lá incomodar, então precisa tomar cuidado, não é?”

Muitas medidas de segurança foram tomadas para garantir a permanência dos interessados na escola, como é o caso da polícia “interativa”, modalidade alternativa de policiamento inaugurada experimentalmente pela Polícia Militar. Realiza seus trabalhos nos bairros mais assiduamente, minimizando e inibindo a ação dos transgressores da lei. E quem organizou e exigiu a permanência destes policiais nos bairros, foram os próprios moradores, que reúnem-se, estipulam taxas a serem pagas, a gasolina do automóvel em uso, fortalecendo assim o compromisso da polícia com a comunidade, que garante sua permanência.

Segundo Sr. Luiz, “a polícia interativa além de garantir a segurança dos moradores, é mais organizada que a polícia civil, uma vez que o sargento ‘que defende seu chão’ faz parte do grupo de policiais enquanto morador do bairro, sente-se mais forte, pois conta com os amigos que dão apoio e respeitam mais o trabalho da equipe”.

Os alunos da escola, por sua vez, sentem-se seguros com uma escola tão perto para atender suas necessidades, já que nela trabalham alguns profissionais competentes e comprometidos com a educação.

Apesar das facilidades citadas anteriormente, ainda é comum o abandono, a reprovação e evasão dos alunos. Muitos já se conformaram que “nunca vão aprender”, como se referem alguns em relação à escola. Estão desapontados e pensam realmente em parar com os estudos, pois as ofertas de trabalho na cidade não dão conta da grande oferta de mão-de-obra existente.

Os pais mais críticos e participativos influenciam muito no desenvolvimento de seus filhos, aconselham, incentivam, participam das atividades na escola, “principalmente quando são solicitados”, como diz o senhor João, que reclama da administração. “A escola não quer a gente muito por perto, porque reclamamos e exigimos mais qualidade, e isso incomoda!”

“Mas, participar é trabalhar só para arrumar dinheiro quando (a escola) precisa?” diz dona Célia, quando se pergunta por que não vão à escola dar suas opiniões e sugestões. “Nós, há algum tempo, na antiga administração, participávamos bastante, éramos solicitados, era ouvida a nossa opinião, agora não sei por que dificilmente viemos aqui, não sei o que está acontecendo!”

A escola por sua vez reclama a falta de participação dos pais.

Mas, as palavras da diretora anterior são eloqüentes quando se refere à comunidade à qual dedicou durante grande parte de sua vida, e como diz: “valeu!”.

Nas palavras de Neide sente-se ainda o prazer de falar em ‘sua comunidade’, como costuma dizer. “Faço parte da vida de muitas pessoas, pois me dediquei, me envolvi com os problemas e as situações de muitas pessoas, sempre com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, isso mesmo. Ainda muito nova quando vim para cá, senti necessidade de ficar ‘perto’ das pessoas, de sentir o que sentiam, tentando resolver junto com eles, à maneira deles, em regime de mutirão. Adquiri a confiança dos moradores, daí em diante não foi difícil trabalhar para a comunidade. Tudo o que a escola precisava eu conseguia com o trabalho voluntário, os pais ofereciam seus serviços, os alunos vinham para a escola com prazer, pois sabiam que aqui encontrariam apoio, apesar das tantas dificuldades e carências, desde econômicas até afetivas. Tive muito apego, trabalhei para manter as pessoas unidas para que continuassem a participar das questões escolares, valorizando o espaço físico e proporcionando ao aluno e à sua família um local agradável, onde pudessem e tivessem com quem contar quando precisassem”.

“As famílias envolviam-se em atividades tanto de trabalho quanto de lazer, pois se realizavam encontros com os pais, com as mães, com os alunos, momentos de descontração, mas com o objetivo de mantê-los unidos, fortes e participativos. Não só a força de trabalho, mas a força do respeito mútuo, fazendo com que a escola fosse ponto de referência no município, tornando prazeroso o acesso de todos”.

“Mas como nem tudo são flores, muda a política partidária, entrando em cena novos agentes, com seus objetivos, suas ambições e conseqüentemente, novos rumos são dados à educação e forma de organização no espaço escolar. Desejo que, as pessoas que conquistaram certa independência, continuem colaborando com a educação, e a sua participação possa trazer benefícios na construção de um mundo melhor no que se refere à qualidade de vida da comunidade do bairro “H” e da “Escola Sonho Feliz”.

Esse sonho descrito pela direção anterior a seu ver foi breve, poderia durar muito mais tempo, mas as mudanças ocorridas na nova gestão dão mostras da ruptura entre o passado e o presente, entre escola e comunidade, e as dificuldades ora apresentadas pela escola em relação à educação manifestam-se através de depoimentos.

“A diretora nova, fala Rosa, mãe de uma aluna da 3ª fase do IIIº ciclo, (a mais nova forma de fazer acontecer a educação em Lages). Ela ainda é muito nova na direção, dá para perceber pelo jeito dela, sempre insegura, quando aparece alguma dificuldade chama o responsável pela disciplina na escola, e não dá conta do recado. Nós mesmo ainda não acreditamos que ela vá dar conta. Quem sabe nos próximos anos ela deixe a gente participar, aí ensinamos um pouco do que sabemos de escola pra ela.”

Os alunos têm desejos e projetos, mas não são ouvidos, como falam alguns jovens quando referem-se às dificuldades que têm com relação a um professor que não atende às suas expectativas. “Não podemos fazer nada, a diretora não escuta e pede para termos paciência, mas nós já estamos com ela há um tempão e ela não muda. Não ensina direito, fala mal e não aceita que temos nossas dificuldades em entendê-la”.

Não podemos, porém, esquecer que a ‘nova’ diretora exerceu seu cargo através de sua participação política partidária nas eleições atuais, 2000, quando a recompensa para quem elegeesse o prefeito seria, como aconteceu na maioria dos casos de nomeações de diretores, assumir o cargo. É bastante comum o relato de pessoas que ocupam cargos de confiança, assumirem a participação direta na campanha política da atual administração, isso nas diversas áreas administrativas da prefeitura local.

Carla, professora da escola primária, muito dedicada, sentiu-se discriminada por não conseguir vaga para trabalhar na mesma escola que atuava anteriormente, até porque ficava mais perto de sua casa. “Sabe! Não quis me manifestar politicamente, pois tinha medo que continuasse as mesmas pessoas na Secretaria da Educação, então preferi me manter ‘em cima do muro’, só não contava que hoje seria tão perseguida, mudando para uma escola tão longe da minha casa. Estamos sob a constante ameaça de ‘ir pra rua’, caso não façamos exatamente como os novos administradores exigem. O medo e a insegurança são constantes!. Aliás tenho receio que saibam dessas coisas que estou falando, senão....!”

As relações de poder são bastante evidentes, confirmando as mudanças político partidárias na região, apesar das promessas de uma administração transparente com vista à qualidade e aumento de empregos, quando na campanha eleitoral.

Os jovens que participaram desta pesquisa têm claros seus objetivos, seus anseios, mas são impedidos de atuarem como aprenderam com seus pais, agirem coletivamente, participativamente, pois correm o risco de serem considerados “marginais”, como eles mesmos se referiram. Então, “a solução é ficar quieto”.

Há uma presente dicotomia entre participação, criticidade e marginalização, uma vez que o entendimento da participação e de agir comunitariamente gera desconforto para os que exercem o poder burocraticamente, sem tomar conhecimento de como essa comunidade se organizou para nascer e manter-se viva até nossos dias, através da vida em mutirão, de ajuda mútua, de solidariedade e organização.

A esta comunidade atribui-se - o que não está no discurso, nos pronunciamentos - o grande mérito de transpor para a prática popular uma metodologia intrinsecamente comprometida com os interesses e necessidades da população local, superando a divisão entre a mensagem de participação comunitária e a atuação concreta do povo, agindo em consonância aos seus desejos e anseios, tornando-os capazes de construir conjuntamente aquilo que os torna verdadeiros cidadãos em seu exercício democrático.

É sob essa perspectiva que a educação será aqui analisada, com a proposta de envidar esforços para que cada vez mais as pessoas desenvolvam seu senso de participação e criatividade, com vistas a um mundo melhor, mais justo e solidário.

Em suma, na tentativa de tornar a vida dos cidadãos mais aprazível e mais justa, é que, através de uma experiência concreta inovadora, desenvolveu-se em Lages o Projeto Mutirão, contando com a participação das pessoas e seu envolvimento solidário, e tendo como objetivo maior criar alternativas para sobreviver ao caos, em que as pessoas com mão de obra

desqualificada, com baixo índice de escolaridade e desacreditados de que ainda pudesse existir alguém preocupado com sua sobrevivência, chegassem a assumir responsabilidade pelo seu futuro... Mas, para isso, é preciso participar!.

Capítulo 2

EDUCAÇÃO: ENTRE O ESSENCIAL E A ESSÊNCIA

Ao abordar o tema, discutindo o que é essencial e a essência relacionado à escola, à educação, fatos interessantes vêm contribuir para a discussão hora levantada. Em termos de educação vale lembrar: No início das atividades humanas, quem era responsável pela educação? Tudo começou com a educação em casa, oferecida principalmente aos filhos homens, pois à mulher cabia aprender as atividades domésticas, o bordado, desenvolver receitas deliciosas para no futuro quando se casassem, ter maiores argumentos para agradar ao seu marido. O processo educativo que se desenvolve na escola é caracterizado pela instrução, pela assimilação de conhecimentos acumulados por gerações anteriores através da história.

A educação acontece também nas mais variadas esferas da sociedade, como na família, na igreja, nos meios de comunicação de massa, nas relações com outras pessoas, com a comunidade a que se pertence, enfim em diferentes formas de organização.

Há algum tempo não muito longínquo, os direitos à educação eram restritos à minoria, principalmente aos religiosos e pessoas que tinham títulos de nobreza e propriedade territorial. Felizmente esse tempo passou, embora não tão rapidamente para alguns, que ainda pertencem à classe dos excluídos, sem o direito de adquirir conhecimento.

Este conhecimento pode ser fonte de riqueza para quem sabe usá-lo em favor de outros, para o bem estar, o desenvolvimento e conquista da cidadania; enquanto que “outros, ou alguns poucos” a utilizam para manipular e tornar mais excludente o processo de aquisição e acesso a um bem tão precioso, e gratuito até os 14 anos de idade conforme determina a lei.

O que não podemos mais fazer, é continuar a reproduzir as formas negativas de seleção, que impedem o acesso a esse processo por determinadas camadas da sociedade, mas lutar e buscar meios de incluí-los, uma vez que, partindo do pressuposto de que, se cada um tem um desejo sincero de conseguir interferir na construção de um mundo melhor, já está em condições de fazê-lo. Assim estaremos executando essa tarefa, tornando o sonho possível.

“A educação - ou seja, a prática educativa - é fenômeno social, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”
(LIBÂNEO,1994:17)

“Educação é uma palavra que vem do latim, de duas outras: e ou *ex*, que significa de *dentro de, para fora*; e *ducere*, que significa *tirar, levar*. Educação, significa, pois, o processo de tirar de dentro duma pessoa, ou levar para fora duma pessoa, alguma coisa que já está dentro, presente numa pessoa”.

(GUARESCHI,1995:72)

“A visão tradicional de educação caracteriza-se pela transmissão de idéias selecionadas e organizadas logicamente.”*

Na perspectiva comportamentalista, “a educação está intimamente ligada à transmissão cultural a educação deverá transmitir conhecimentos, assim como comportamentos éticos, práticas sociais, habilidades consideradas básicas para a manipulação e controle do mundo/ambiente (cultural, social, etc).. Um problema de natureza epistemológica, no entanto, persiste: o de se saber, exatamente, o que se quer ensinar.”*

Para Piaget, a educação é um todo indissociável, considerando-se dois elementos fundamentais: o intelectual e o moral. O objetivo da educação, portanto, não constituirá na transmissão de verdades, informações, demonstrações, modelos, etc., e sim em que o aluno aprenda por si próprio a conquistar essas verdades, mesmo que tenha de realizar todos os tateios pressupostos por qualquer atividade real. “A educação, portanto, é condição formadora necessária ao desenvolvimento natural do ser humano. Este, por sua vez, não iria adquirir suas estruturas mentais mais essenciais sem a intervenção do exterior. Sem este tipo de contribuição o indivíduo não chegará à autonomia intelectual e moral.”*

* Mizukami;1986

Na visão sócio- cultural de Freire, toda ação educativa, para que seja válida, deve, necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque. “O homem se torna, nesta abordagem, o sujeito da educação.”*

Citar Paulo Freire requer atenção por parte dos educadores, uma vez que a administração nos anos 80, mesmo que se reconheça não ter sido fundamentada em suas obras, acabou por utilizá-la como suporte metodológico mais tarde, quando a equipe da educação buscou fundamentos para sua prática, conforme relato da esposa do prefeito, na época. Tornou-se, portanto necessário lembrar seu pensamento, para posteriormente fazermos uma analogia com Vigotsky, proposta da administração da frente Popular nos anos 90, em Lages.

É interessante e importante citarmos outras visões sobre a educação, pois, nas diferentes épocas e conforme a ideologia educacional, a atenção era voltada ora para o aluno, ora para o professor, um dos agentes era considerado o centro das atenções no processo educativo. Mas isso não faz parte do passado, pois, sabemos que as visões que se tem de educação mudam conforme as políticas educacionais e sofrem os reflexos da política mundial.

Não podemos esquecer a Pedagogia Tradicional, porque nos dias de hoje mesmo com ‘tantos modismos’ como se costuma referir-se às mudanças educacionais, conserva-se a maneira tradicional no ambiente escolar.

Para nos situarmos melhor, vejamos o depoimento da professora Ana Maria, 34 anos, que leciona Português nas turmas do 3º ano do III ° Ciclo na escola Sonho Feliz: “Trabalho nessa área do conhecimento desde que me formei em Letras pela Faculdade. Não mudou muita coisa na área da educação, a meu ver, é muito mais fácil repetir os conteúdos que aprendemos, porque assim não corremos o risco de ensinar ‘besteira’. E quando uso esse termo, pode parecer estranho para uma professora de Português, mas cá entre nós, uma grande maioria que não tem segurança dos conteúdos a trabalhar acaba querendo mostrar serviço com novidades e se perde no caminho. É preferível repetir que criar e não dominar!”

Esse pensamento de Ana Maria dá mostras que o mais seguro não é inovar, inventar e criar novas metodologias, oportunizando a educador e educando desenvolverem seus conhecimentos. Seu pensamento está centrado na figura do educador como dominador e sabedor dos conteúdos a serem trabalhados, mesmo que para isso aconteça a maneira mais simples de ensinar, através da reprodução.

Sabemos, entretanto, que muito do que se desenvolve nas salas de aula são meras reproduções de alguém, atendendo a interesses para que, de alguma forma se garanta a segurança e mantenha a ordem no espaço escolar e na sociedade.

Para ampliar a visão que se tem de educação, foram citados alguns filósofos e psicólogos, que sem dúvida elucidam nosso entendimento, para podermos então, falar da educação numa perspectiva sócio- interacionista de Vigotsky quando de sua implantação na gestão administrativa em Lages nos anos 90.

Nessa trajetória, se faz a tentativa de esclarecimentos, uma vez que relatar fatos que envolveram toda a história da educação seria desgastante, porém necessária. Mas na impossibilidade de fazê-lo, tomamos apenas alguns pontos para fundamentação teórica preliminar.

Na visão sócio- interacionista, o objetivo de ensinar vai além da mera reprodução, e sim formar alunos mais críticos, participativos e criativos, onde o professor intermedia o conhecimento, e isso acontece na relação de interação que o homem estabelece com outros homens e com o meio natural.

“... o fenômeno educativo é complexo, e a Educação vai em busca de explicações em outras áreas do conhecimento para dar conta dessa complexidade. Há necessidade de diálogo e de confronto tanto entre as áreas das ciências humanas entre si, quanto com outras áreas do saber. Isso significa que a Psicologia tem que sair de seu isolamento, pressupondo a sua interrelação com várias áreas do conhecimento. Nesse sentido, as teorias de Vigotsky e Bakhtin por considerar o homem como um ser essencialmente social e histórico que, na relação com o outro, em uma atividade prática comum intermediada pela linguagem, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito, talvez tenham condições de apontar um novo caminho para as relações entre Psicologia e Educação.” (FREITAS.1995: 41)

Vigotsky aborda uma maneira de entender a origem e evolução do psiquismo humano, as relações entre indivíduo e sociedade, e como consequência, um modo diferente de entender a educação.

É sob essa perspectiva que a educação municipal de Lages, nos anos 90, buscava-se desenvolver. Sem dúvida em meio a descontentamentos e desacertos, obteve algum sucesso com alguns envolvidos com educação, que se dispuseram a enfrentar o desafio e trabalhar com essa metodologia. Deu bastante trabalho, reconhece a professora Vanda, que trabalha numa turma de IIIº ciclo, com História e Geografia, "... sem dúvida foi complicado mudar a prática, pois, durante anos se conhece a mais antiga das teorias e da Pedagogia, a Tradicional. Reconheço que muita coisa mudou, mas independente das mudanças e das inovações não joguei fora aquilo que já sabia fazer, apenas transformei e melhorei minhas aulas, tornando-as mais atrativas, e sinto que isso despertou em mim e nos alunos mais interesse. Tem pessoas que diziam: 'agora esquece a maneira de dar aula, aquela antiga. Você tem que mudar sua metodologia, estamos em fase de criar! Isso me intrigava, porque não me convencia essa nova maneira de trabalhar em sala de aula, mas foi com o tempo e com os assessoramentos que consegui mudar minha prática. Hoje, aproveito o que a educação tradicional tem e a transformo, proporcionando aos alunos momentos de mais satisfação e descoberta da história da qual fazemos parte. Não somos os expectadores, somos os agentes que criam e interferem nessa história."

"A própria sala de aula é um ambiente social que forma, junto com a escola como um todo, o ambiente global da atividade docente organizado para cumprir os objetivos do ensino." (LIBÂNEO. 1994:26)

Nesta época de transição e mudanças na educação em Lages, muitos profissionais ficaram inseguros e pensavam até em desistir de exercer sua profissão, devido às exigências das novas políticas educacionais. Mas, com o tempo o ser humano se acostuma com as mudanças e passa a agir exatamente como as lideranças propõem e querem. Aqui em Lages não foi diferente, após a tempestade veio a bonança e tudo passou a correr em águas mais tranquilas, mesmo que, sem dúvida continuassem os descontentes a agir e trabalhar à sua maneira, como forma de mostrar sua contrariedade.

A contribuição de Vigotsky vivenciada neste período foi em torno do desempenho que a escola exerce, na medida em que, partindo do conhecimento que a criança já tem, que já aprendeu desde o seu nascimento em contato com pessoas mais experientes, que adquiriu no seu cotidiano, sua idéias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas 'teorias' acerca do que se observa no mundo, ela é capaz de desafiar e ampliar a construção de novos

conhecimentos, que na linguagem vigotskiana seria: incidir na zona de desenvolvimento potencial dos educandos.*

Nessa perspectiva, Vigotsky define o 'nível de desenvolvimento real', aquele observável ou verificável através de testes e verificações. É no conceito de zona de desenvolvimento proximal que encontramos a justificativa teórica e os indicadores de quais ações podem de fato, ser auxiliares provocadores do desenvolvimento da criança, quando interage com outras pessoas e observa como estes enfrentam e resolvem seu problemas.

“Para Vigotsky, a possibilidade de transformar o mundo material, mediante o emprego de ferramentas, estabelecia as condições para a modificação da própria atividade reflexa e sua transformação qualitativa em consciência. Ele chamou a essas ferramentas de signos e considerava que eram proporcionadas essencialmente pela cultura, pelas pessoas do meio, enfim, pelos outros. Esses signos, ao interiorizarem-se, transformando-se em meios de regulação interna ou auto-regulação, iriam modificar dialeticamente a estrutura da conduta externa e, portanto, essa não seria mais mera expressão de reflexos. Para ele. A consciências e as funções superiores se originam no espaço exterior, na relação com os objetos e as pessoas, nas condições objetivas da vida social.” (FREITAS.1995;: 90-91)

A educação em Lages visou desenvolver essa forma de aprendizagem nas escola da rede municipal, sendo que essas categorias de Vigotsky, mudaram a prática pedagógica dos educadores da região.

Hoje, com as mudança político sociais e educacionais, Vigotsky não faz mais parte da realidade que se vivenciou nos anos 90. Restam alguns professores que mudaram realmente seu modo de ver a educação como algo que vai além da repetição de livros didáticos, mas mesmo com eles, mudando e criando alternativas para melhorar a educação, apesar de atualmente trabalharem através de projetos, que na verdade não vou mencionar quanto à sua criação nem seu desenvolvimento. O que se pode garantir através de relatos de profissionais que continuam na área da educação, é que é uma nova maneira de desenvolver os trabalhos

* Rego,1996:21

com vistas a uma nova forma de educar, com seus novos administradores e pensadores da equipe que hoje coordena a educação municipal.

Para Libâneo, (1994:17) “a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Em sentido amplo, a educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente, neste sentido, a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana.”

A visão que se tem de educação varia conforme o contexto, conforme filósofos, sociólogos e pensadores das diferentes épocas, que dão contribuições para que se possa entender esse processo, onde suas finalidades e procedimentos são determinados por interesses antagônicos das classes sociais. Desta forma é possível perceber e compreender como se organiza e como se encaminha a prática educativa através de seus conflitos e contradições.

CAPÍTULO 3

EIXOS E DESLEIXOS. A ESCOLA: MANHAS E ARTIMANHAS

Fala-se tanto em escola, esse espaço privilegiado de uma parte da sociedade que a ela tem acesso, apesar de constar em forma de leis esse direito aberto a todos.

Há os que ainda conseguem nela permanecer, outros apenas a freqüentam por pouco tempo. Nem todos conseguem manter-se na escola, pelas diversas dificuldades com que ela mesma, de forma singular, consegue esconder seu verdadeiro propósito. Seria pessimismo dizer que a própria escola é quem mais exclui? Ou seria omitir-se, dizer que o acesso a ela é protegido por lei.

Em suas manhas e artimanhas, a escola apresenta algumas faces que são desconhecidas por quem por ela é freqüentada, ou por quem por ela passa. São as metodologias, currículos e formas de avaliação, a rotulação e a falta de responsabilidade de alguns descomprometidos com a importância da permanência do aluno na escola - não para aprender tudo como se ele não soubesse nada, mas para mediar o conhecimento, interferir de forma a tornar agradável sua vida escolar.

Durante a realização da pesquisa, em contato com professores e alunos, foi possível observar os aspectos relacionados à escola como um todo, isto é, seu funcionamento, os eixos, que envolvem as relações entre os segmentos da qual fazem parte: direção, professor, pais, comunidade, alunos, funcionários, etc.; e, conseqüentemente, os desleixos, questões relacionadas à disciplina (ou seria indisciplina?) Os conteúdos curriculares, a metodologia. Qual o projeto de proposta pedagógica da escola e quais seus objetivos?

Preliminarmente trataremos das questões que envolvem a escola, as malícias e ideologias que fazem parte desse cenário, ora empolgante, ora triste e desacreditado por aqueles que a freqüentam. Em nossa vida é comum acontecerem encontros e desencontros, que podem ou não trazer inquietação, dependendo de nosso estado emocional, ou social.

Entendendo nosso acesso à escola como momentos de aprendizagem, mesmo que muitas vezes dissociada da realidade, ou tão somente como espaço para a socialização, como se antes de chegar a ela não existisse essa relação com os outros, mesmo assim a escola insiste em querer “formar” pessoas, conseqüência disso é a indisciplina, como veremos adiante fundamentada teoricamente e com relatos de alunos, professores e integrantes da escola *Sonho Feliz*.

“A instituição encarregada de iniciar a criança egressa do meio familiar na vida social adulta passou a ser a escola. Na atualidade, a escola continua propondo a integração social - a socialização- como uma de suas principais finalidades. Na escola, a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais”.

(MIRANDA, apud CODO e SILVA, 1988:130/134)

(A escola é o) “mecanismo básico para a constituição de sistemas sociais e de manutenção e perpetuação dos mesmos em forma de sociedades. Sem a socialização o sistema social é incapaz de manter-se integrado, preservar sua ordem, seu equilíbrio e conservar seus limites”. (PARSONS, apud Freitag, : 17)

A escola é um ponto alvo para se exigir a disciplina. E o que se entende por disciplina? Que ideais se escondem nessa expressão? O que existe na relação entre disciplina e dificuldades de aprendizagem? Podemos estabelecer relações?

Nunca como hoje, início de um novo século, se falou tanto, ou se demonstrou tanta preocupação, pelo tema que envolve e aflige a grande maioria dos educadores nas diferentes redes de ensino, como a disciplina, ou seria indisciplina ? As escolas atualmente sofrem de um mal, ou de uma sofrida preocupação em torno do comportamento e das relações que se estabelecem entre educadores e educandos nas salas de aula e fora delas, no espaço escolar.

A questão da disciplina na escola não é apenas um problema de cultura alimentado pelos processos comunicativos de hoje, tem causas, raízes, relações com outras dimensões

internas à própria escola. Hoje, a escola que se apresenta centrada na valorização do cognitivo - no conteúdo estabelecido, no conhecimento compartimentado cuja produção, exclusivamente individual, é o critério de desempenho, na relação competitiva e quantitativa da avaliação - nessa escola, as questões da indisciplina destacam-se com grande relevância. Pois é pela via do controle, da obediência que se garante a aprendizagem concreta da dominação da submissão, da alienação, da passividade, do consumismo e da exploração - enfim, de vários aspectos da realidade existente numa sociedade de profundas divisões e antagonismos que compõem a globalização necessária ao neoliberalismo.

Difícilmente se pensa a disciplina numa dimensão mais ampla e em várias interações com todo o contexto pedagógico. Além do que, ela é apenas dimensionada dentro do mundo escolar, dissociada da sociedade na qual está inserida. O nosso aluno vive as contradições desse mundo que está em constante evolução, mas que a escola prefere ver como algo fixo e imutável em suas estruturas, processos e métodos escolares, geralmente há décadas. Neste contexto imutável, as aulas passam a ser espaço de reprodução das relações desta sociedade, na qual a questão da disciplina aponta para o comportamento individual, em atitudes; e para o conhecimento: as matérias fragmentadas e hierarquizadas.

Tal concepção é originária de um momento histórico, onde houve a separação do comportamento e do pensamento - corpo e mente. Surge, então, a idéia de conhecimento escolar como conjunto de informações, passado de geração em geração, envolto no discurso da neutralidade, sendo necessária uma organização em componentes intitulados não por acaso, como disciplinas curriculares.

Queremos dizer, entretanto, que nesta crítica os conteúdos não perdem sua importância, mas que são meios, instrumentos de conhecimento e de leitura da realidade. É preciso que o conhecimento tenha sua finalidade, não numa visão pragmática e utilitarista, mas sim, no que queremos com o trabalho que estamos desenvolvendo.

O tema disciplina, ou indisciplina, na realidade que se vive no cotidiano escolar, tira o sono de muita gente preocupada com o rumo que está tomando o assunto em foco, porém, dissertar sobre ele requer cuidados especiais para não cair no espontaneísmo.

Necessário se faz uma avaliação do funcionamento da escola, dos conteúdos que são trabalhados, qual a metodologia, quais os encaminhamentos utilizados para se atingir os objetivos traçados para o bom andamento da escola. E o que seria esse bom andamento?

“Há uma primeira interpretação, completamente ingênua, mas bastante corrente: a de que a escola (toda

a educação, para alguns), quando bem conduzida (!) é responsável pelo bom andamento social. De tal modo isto é pensado que é comum a afirmação de que a boa (!) escolarização produz bons cidadãos, boas pessoas. Essas pessoas, com a responsabilidade que a escola lhes teria passado, produziriam uma boa sociedade...”.(GANDIN,1997:13)

São essas questões relevantes que levam a pensar a educação relacionando-a à indisciplina escolar.

Na classe da professora Clara, os alunos, já maiores, como são considerados, por freqüentarem uma turma de 8ª série, precisam ter um comportamento, uma postura exemplar. Vejamos o que a professora entende por esses conceitos.

“O aluno tem que vir para a escola para aprender, por isso ele tem que ser bem comportado, não importa se ele já sabe alguma coisa, contanto que não incomode e não disperse meu trabalho. Aqui ele vai aprender como se comportar na vida lá fora!”

Essas palavras, ou esses discursos, são comuns entre os professores pesquisados, pois apesar da educação ter grandes avanços em relação ao conhecimento da realidade, ainda acontecem desleixos por parte dos educadores preocupados somente com a transmissão de conhecimentos e a manutenção da ordem e da disciplina.

É necessário que haja organização em todos os locais que nos relacionamos, as normas e regras de bem viver são fundamentais para garantir o respeito. Na escola, porém, essas regras ultrapassam certos limites tanto de educador quanto de educando, cada um valendo-se de seus direitos, causa uma desordem natural que para reorganizar dá muito trabalho. Vejamos o que pensa Marcos ao se referir às medidas de controle dos comportamentos no ambiente escolar: “Olha! Eu até gosto de estudar, mas tem algo de estranho na escola. Na maioria das vezes a gente não sabe como agir. Se formamos grupos organizados para um defender o outro, a escola exige que alguém seja delator, ou prejudica a turma inteira. Na verdade eu acho que muitos professores e esses que cuidam da disciplina não tem mais controle sobre os diversos acontecimentos no ambiente escolar e usam de ameaça para inibir ações por eles considerada ameaçadora. Por exemplo: se alguém sai para matar aula, eu acho que é problema daquele que saiu e isso não justifica ameaçar a turma inteira se não contarmos onde o fulano está. Você não acha que é insegurança das pessoas que controlam essa parte? Por que é preciso amedrontar uns para ‘pegar’ aquele que infringe as

normas disciplinares? É complicado saber quem tem razão nessa situação. Uma coisa eu sei, tem quem se aproveita da insegurança que a escola enfrenta, por medo de perder aluno, e tem os que se prejudicam por conta desses maus elementos. Há um presente impasse e incertezas que dificultam cada vez mais as relações dentro da escola.”

Esse “mundo uniforme” a que se referem os autores, juntamente com Paulo Freire, (na obra Cuidado, Escola!, 1985), faz parte da realidade que se vive cotidianamente nas escolas. A professora Maria Augusta desabafa, em meio a soluços, desculpando-se por sua sensibilidade. “A maneira como a escola funciona, como se vive dentro dela, difere muito da vida lá fora. Tanto professor como aluno chegam à escola dispostos a trabalhar e aprender juntos, mas o que se encontra? Regras e ordens autoritárias, diferentes da realidade de pessoas que querem manter seu cargo, mesmo que às custas do sofrimento dos outros. Chega-se pensando de um jeito e tem-se que agir de outro, entende? Vou explicar melhor. O professor, ou, alguns professores, porque não são todos que são comprometidos e se preocupam com uma educação de qualidade; aprendem muitas maneiras de educar, com técnicas atrativas, brincadeiras que despertam a curiosidade, o lúdico como forma de aprendizagem, enfim... chega na escola a ordem maior que é: não queremos muita ‘frescura’- expressão usada pela ‘autoridade’ na escola, isto é, a diretora e o especialista (supervisão). Se começar a trabalhar com essa ‘coisarada’ (material didático), você não vai conseguir dar conta do conteúdo nem da disciplina para manter essas crianças quietas, vira uma bagunça!”

“A ação educativa é inseparável de uma seleção, implícita ou explícita, de conteúdos simbólicos e de práticas pedagógicas. Toda a gente e toda instância educativa são confrontadas com essas escolhas, senão de forma permanente, ao menos periodicamente. Tal seleção encontra-se no princípio da definição da própria atividade pedagógica e de suas relações com as outras atividades sociais. Ela é, ao mesmo tempo, produção da instituição pedagógica, de uma cultura e de esquemas de comportamento, e reprodução das relações sociais externas. Tem sua origem no conjunto das relações entre instituição, os grupos sociais e as condições gerais do ambiente”. (PETITAT,1994: 37)

Não podemos deixar passar despercebida a preocupação que Maria Augusta tem em relação à qualidade do ensino, porém sujeita a um processo de submissão. E para garantir sua

permanência na escola, acaba cedendo ao tom autoritário com que se manipulam as pessoas no ambiente escolar.

Os desleixos, as próprias atitudes que o professor realiza, automaticamente, tornando os alunos todos iguais, têm as disciplinas como forma de igualdade, as metodologias ultrapassadas, até porque como se diz, é mais fácil ter uma turma “homogênea”, trabalhar tudo igual, assim todos aprendem as mesmas coisas, não vão questionar, conseqüentemente a disciplina será uma “maravilha”.

“A escola trata todos da mesma maneira, todos devem ter o mesmo ritmo de trabalho, com o mesmo livro, o mesmo material, todos devem aprender as mesmas frases, saber as mesmas palavras. Todos aqui devem adquirir os mesmos conhecimentos, devem fazer os mesmos exames, ao mesmo tempo”. (FREIRE,1985:54)

O método que permite controle minucioso das operações do corpo, que realiza a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade- utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação.¹

A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.²

Segundo Foucault, percebemos que as forças que exercem a disciplina, são forças coercitivas. E na escola? Essa coerção apresenta-se em forma de dominação, através de conteúdos dissociados do respeito, com a intolerância e principalmente a maneira desarticulada como se movimenta a escola em relação à comunidade, aos pais e àqueles que dela dependem de alguma forma.

¹ Foucault, M. Vigiar e Punir,1987,: 118

² Id .ibid,: 119

Entre os pontos negativos encontrados, vale lembrar as sanções sofridas.

Temos vários tipos de castigos aplicados para que haja ordem e respeito na sala de aula e fora dela, disfarçados de disciplina: a violência simbólica.

“... a violência simbólica e a violência física esgotam a quota de agressão que as relações sociais podem realizar. A universalidade da violência simbólica une-se a outro dado universal: as relações de dominação...”.

(PETITAT,1994:31)

Quando falamos em violência simbólica, podemos relacionar a fatos reais enfrentados no dia-a-dia, na vida das pessoas, mais precisamente no ambiente escolar.

Um fato que chama a atenção no que se refere a essa expressão, são as maneiras que essa violência se manifesta, silenciosa, sem deixar marcas, pelo menos aparentes, isto é, marcas na pele ou no corpo, mas com certeza marcas profundas que doem muito e trazem conseqüências para a psique humana.

A violência que acontece a partir do rótulo que se coloca nas pessoas, como por exemplo: “ não aprende porque é burro, ou porque puxou ao pai, ou algum familiar menos favorecido de oportunidades de vivências escolares”.

Uma forma agressiva de exercer essa violência, aconteceu numa escola, hoje relatada por uma professora de apenas 25 anos, que teve a infelicidade de ver isso acontecer. É preciso ter coragem para denunciar esses absurdos, que infelizmente acontecem, como: ‘a cadeira do bocudo’, ‘as orelhas de burro colocadas na cabeça de uma criança que não conseguiu realizar sua atividade’, ‘cheirar a parede quando estava incomodando durante as aulas’, e, ainda neste século novo, onde as mudanças são tão rápidas, ‘escrever, repetindo a mesma coisa até preencher todas as linhas de uma folha de caderno, quando errasse algo”.

“São castigos humilhantes, que mexem com a autoestima das pessoas, remetem a lugares de menosprezo e chamam a atenção sim , mas para agirem com violência, aí física, uma forma de manifestar a insatisfação pelo castigo recebido”.

Podemos nos perguntar: e isso ainda acontece nas escolas? A resposta da professora é segura, quando afirma ter visto colegas de trabalho tomarem essa atitudes com a garantia de corrigir as crianças, e ainda afirmava: ‘elas nunca mais vão esquecer, e vão realizar as coisas certas a partir de então’. Ledo engano, afirma a professora, elas nunca mais vão esquecer sim , a maneira humilhante pela qual passaram essas crianças diante de seus colegas de classe.

As conseqüências de certas atitudes tomadas na infância por pessoas mal informadas trazem para a vida adulta e em sociedade sérios problemas de relações com os outros e até consigo mesmos. A violência que mais marca na vida das pessoas, nem sempre é a física, onde as marcas são possíveis de serem vistas, mas aquelas que só quem a sofreu pode dar mostras da profundidade e quanto a fez sofrer, pela exposição ao ridículo, disfarçada de corretivo.

Mesmo assim essas violências continuam acontecendo, principalmente no espaço escolar, disfarçada de disciplina, onde os comportamentos precisam atender padrões: andando em fila, em silêncio, sem a mínima possibilidade de manifestar alguma forma de insatisfação em relação às exigências impostas pela escola, através da permanência obrigatória de se sentar um atrás do outro, e manter o silêncio, podendo manifestar sua opinião só quando autorizados.

E continua a professora: “coitados dos alunos precisam, mesmo na hora do recreio, fazerem silêncio, porque é a hora de descanso dos professores. Não pode correr, e só é permitido jogar bola se o professor de Educação Física autorizar!” Aqui na escola Sonho Feliz, nem tudo é tão feliz assim, o controle de tudo é muito rígido. É possível brincar e extravasar as angústias sem gritar? Eu concordo que deva ter ordem e organização, mas com tanta proibição o que sobra na escola, é aquilo que eles costumam desenhar: somente as cabeças das crianças, o que vale é só a parte cognitiva.

Essa postura, comenta a professora, faz lembrar o antigo regime militar (não tão antigo assim), onde em favor da ‘ordem e do progresso’, usa-se de mecanismos que alienam, reproduzindo formas de violência. “Apesar de tantas mudanças relacionadas à democracia, à participação, percebe-se que o autoritarismo e as formas de coerção são bastante difundidas principalmente nos ambientes escolares, local mais apropriado para exercer essas atrocidades”.

“Talvez eu esteja errada em muitos pontos, mas quanto mais a escola reprime, mais argumentos eles têm para se revoltarem, mesmo assim, ainda acredito numa educação onde a criança e o jovem possam vir para a escola com prazer, para aprender, vislumbrando uma possível melhoria na qualidade de vida.”

Que outra forma se encontra para exigir que o aluno permaneça durante tanto tempo na escola senão pela maneira mais simples, e ao mesmo tempo mais chantagiosa que existe, que é a de que “se ele não estudar não conseguirá nada na vida, ou, você precisa aprender muita coisa aqui, porque a vida lá fora vai cobrar!”

Não nos esqueçamos, no entanto, que a escola exerce uma função normalizadora, para preparar o indivíduo, desenvolvendo suas capacidades intelectuais, descobrindo suas aptidões, ou pelo menos essa deveria ser a sua verdadeira função.

Para Guareschi (1995, : 69) "... a escola é o aparelho criado pelo grupo dominante para reproduzir seus interesses, sua ideologia".

É na escola, que as pessoas estão sempre em busca de mudanças, de novas metodologias, novas formas de organizar os conteúdos, diz o professor Air, mas a realidade mesmo é que na escola tudo acontece de acordo com o que os dominantes desejam. Exemplo disso são as constantes mudanças nas teorias que fundamentam nossa prática pedagógica. Mudam conforme mudam as lideranças. Na verdade, as novidades em termos de escola, de prática pedagógica só acontecem porque os professores aderem a todas as mudanças sem questionar os porquês, sem entender certas atitudes, mesmo que digam respeito à escola. "Quem exatamente faz as normas e regras da educação senão dirigentes ou autoridades sem vínculos diretos com a educação?" E nós, professores e administradores apenas executamos as ordens, e os alunos por conseqüência obrigam-se a adaptarem-se, mesmo que os desencontros tragam inseguranças e desajustes na área educacional".

"A escola coloca-se como agenciadora do saber... na maior parte do tempo impõe controles, força, rotinas, tendo como centro a indisciplina do aluno, suas possíveis limitações individuais e sociais, como também, centrar-se na concepção transformadora, dialógica e, neste caso, o aluno deixa de ser domesticado para assumir o importante papel de autor de sua história". (VEIGA, 1995: 73)

"A escola fundada na concepção tradicional é o lugar por excelência onde se realiza a educação, a qual se restringe, em sua maior parte, a um processo de transmissão de informações em sala de aula e funciona como agência sistematizadora de uma cultura complexa"(Mizukami, : 1986:11)

Para Piaget, , "a escola deveria começar ensinando a criança a observar. A escola deve propiciar ao aluno o desenvolvimento de suas possibilidades de ação motora, verbal e mental, de forma que possa, posteriormente, intervir no processo sócio- cultural e inovar a sociedade".

Para Vigotsky, "na verdade, sua preocupação está voltada para as conseqüências da atividade humana na medida em que esta transforma tanto a natureza como a sociedade. O

processo de educação escolar é qualitativamente diferente do processo de educação no sentido amplo. Na escola a criança está diante de uma tarefa particular: entender as bases dos estudos científicos, ou seja, um sistema de concepções científicas”*

As abordagens diferentes caracterizam as várias faces da escola, com suas exigências, qualidades, as finalidades do processo ensino-aprendizagem, que vem contribuir para que se possa ter uma visão mais ampla das questões relacionadas à educação.

Desde a obrigatoriedade firmada em lei (LDB- Lei de Diretrizes e Bases- nº 5692/71 e 9394/96, quando diz: “...oferta de ensino fundamental e médio, gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria, vedada a cobrança, a qualquer título, de taxas escolares ou de outras contribuições dos alunos...”), entre outros artigos e incisos, até as constantes mudanças e reformulações teórico- metodológicas, tornam, ou pelo menos aspiram tornar prazerosa ao educando sua permanência na escola durante o período em que nela permanece.

“Através da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social”. (LIBÂNEO, 1994,: 16)

Os esforços em torno do acesso e permanência do educando na escola são bastante extensos, o que permite então à comunidade escolar e aos envolvidos na educação questionarem as dificuldades que a escola como um todo enfrenta no seu cotidiano.

Os questionamentos em torno desse processo existem, ou sempre existiram, uma vez que a escola sempre enfrentou problemas, talvez não os mesmos, mas de acordo com sua época e contexto, os agentes envolvidos tiveram algum tipo de insatisfações, tornando pertinentes as dúvidas, preocupações e indagações relacionadas ao educando e à própria educação. Como por exemplo: quando a insatisfação se revela através da indisciplina, da agressividade com os colegas, professores e até com o imóvel, a própria escola, na forma de pichações, destruição do mobiliário, manifestações negativas que amedrontam colocando a escola e a educação num patamar negativo e de marginalidade.

Esse olhar negativo sobre a escola, requer aprofundamento para que se possa compreender melhor esses agentes, até pelo fato de que os entrevistados (moradores do bairro,

* Vigotsky,1994.: 172

pais, alunos, professores, funcionários, a própria comunidade escolar como um todo), sentem angústias, seus depoimentos são também envolvidos por um véu de incertezas e decepções.

Em depoimentos feitos por alunos, ouve-se as mais estranhas justificativas para continuar freqüentando a escola. Muitos acham que é melhor estar “lá” (na escola), que na rua sem ter o que fazer. Outros preferem ir à escola para encontrar amigos, o que não deixa de ser bom, não se tratasse apenas de desculpa. Há também aqueles que vêem a escola como um local ideal para namorar, enfim são várias desculpas encontradas para ir à escola, incluindo também a necessidade da merenda escolar. A minoria a vê como um local de aprendizado, de construção e desenvolvimento do conhecimento.

O aluno João, 15 anos, numa turma de 4ª série, assim se manifesta: “quando comecei na escola, eu tinha muita vontade de estudar, apesar de tanta dificuldade, a gente é pobre e pobre não nasceu para estudar, e sim para trabalhar, pelo menos é o que escuto há muitos anos da minha família, e na escola de algum jeito também é assim”.

Perguntei: Você pode explicar melhor? E ele respondeu: “como é que a gente vai aprender se o tempo todo alguém está brigando e dizendo; você precisa estudar ou vai vender picolé o resto da vida! Você é igual ao seu pai mesmo! Não quer nada com a vida! Vai acabar como ele, sem trabalho, mas vê se não casa cedo e tem um monte de filho como vocês! Tá vendo? Isso tudo a gente escuta e se sente mal, porque mesmo sendo ‘burro’, eu quero continuar. Sei que é difícil, mas...só que estudar pra mim, é a gente poder aproveitar um pouco do que sabemos, a professora diz que vender picolé não tem nada a ver com escola. Eu já sei lidar com negócio, ninguém me logra!”

A escola, como se percebe, mais uma vez trata dos assuntos relacionados à educação de modo desarticulado da realidade, conforme o relato sombrio de João. Podemos entender a postura do adolescente, ou dos estudantes como um todo, em relação a esse pensamento negativo que se apresenta em relação à escola, pois ao chegar no ambiente escolar começam as regras disciplinares, ou seja o autoritarismo exacerbado, valendo-se da condição de autoridade. A maior parte do tempo se exige bom comportamento, atenção, respeito uns aos outros, ordem, horários, tarefas, e para desespero de muitos, as provas.

O adolescente continua: “é preciso provar que é bom nas disciplinas escolares, provar que o objetivo é aprender, enfim o tempo todo é preciso provar alguma coisa, esquecendo-se, porém, que é também importante que se perceba que é um ser humano, passível de falhas e imperfeições, mas que tem disponibilidade para mudar, caso seja dada oportunidade para isso.

E isso não é o bastante, além de ter que provar o tempo todo alguma coisa, a gente se sente observado, vigiado, alvo das conversas dos professores pelos corredores entre uma aula e outra, até no recreio às vezes eles dizem assim: ‘está vendo aquele ali, é um terror nas minhas aulas só incomoda, ou, aquele - e aponta em nossa direção- é acomodado, não faz nada!’ Não é fácil ser aquilo que um professor quer”, conclui.

Os conselhos de classe, momentos do calendário para parar e avaliar juntos todo o processo escolar, são infelizmente utilizados por muitos, na maioria da vezes, para rotular e se desenvolver a “fofoca pedagógica”. Essa expressão é usada por alguns educadores que, apesar do acesso que se propicia a ter conhecimento mais amplo do assunto - uma vez que a educação em Lages oportuniza momentos para se adquirir esse entendimento sobre o verdadeiro significado de um conselho de classe - ainda assim, alguns desconhecem o valor e utilidade de encontros dessa natureza.

A escola apresenta alguns pontos negativos sim, mas não podemos deixar de dizer que, apesar das tantas dificuldades, ainda é possível se fazer escola, com competência, responsabilidade, respeito, tolerância e principalmente com bons projetos, que venham satisfazer as necessidades da vida escolar, da comunidade e do ser humano.

Entre os pontos negativos, vale lembrar as sanções sofridas. Temos vários tipos de castigos aplicados para que haja ordem e respeito na sala de aula e fora dela, no ambiente escolar, disfarçados de disciplina.

Quando fala-se em rótulo, lembro o aluno Sérgio da 2ª série, que ao se pronunciar assim fala: “sei que sou mesmo um ‘burro’, minha mãe disse que nunca vou aprender. Já estou com 11 anos e não consigo passar de ano. A professora também me pergunta o que ainda faço na escola. ‘Você não aprende mesmo!’ Às vezes tenho vontade de quebrar tudo (e muitas vezes o faz), me dá uma raiva de saber que sou um burro, as crianças riem de mim, e cada vez fico pior. Só não desisto porque aqui na escola tem uma merenda que é uma delícia e não preciso ficar em casa cuidando dos irmãos menores quando a mãe precisa sair, e ela sai bastante!”

Pronunciamentos como o de Sérgio são comuns entre os entrevistados, uma vez que, ao conversar com seus pais, as crianças se manifestam, de alguma maneira permitem que se relacione ao medo dos pais baterem neles, pois essa atitude é bastante comum no cotidiano dessas crianças. Por isso mesmo, entre uma fala e outra se pode captar dados como esses, do medo e da insegurança, que se tornam importantes para a pesquisa.

Apesar do medo, das punições e agressões físicas que sofrem as crianças e adolescentes, alguns arriscam e dizem sua verdade. Algumas pessoas que moram no bairro “H”, talvez por serem ainda analfabetos, conforme dados coletados têm essas atitudes. Valem-se de sua ignorância para cometerem tais absurdos, justificando seu difícil acesso à escola, pois tiveram pais dominadores que exigiam seu trabalho, mesmo com pouca idade, para ajudar no sustento da casa, mesmo que fosse vendendo picolé. Usam desses recursos para reproduzir o que sofreram. E alguns arriscam dizer: “meu pai me tratava assim e nem por isso morri, hoje sou uma pessoa sofrida sim, mas o que fazer? Não tem mais jeito mesmo. Por isso trato meu filho assim. Ele tem que aprender a ser forte, pois a vida não é brincadeira”.

As punições, na disciplina escolar, geram ou gratificações ou sanções, através da autoridade de alguns, em detrimento de outros.

“Na qualificação dos comportamentos e dos desempenhos a partir de dois valores opostos do bem e do mal, em vez da simples separação do proibido, como é feito pela justiça penal, temos uma distribuição entre pólo positivo e pólo negativo; todo o comportamento cai no campo das boas e das más notas, dos bons e dos maus pontos... A ‘justiça’ escolar levou muito longe esse sistema, de que se encontram pelo menos os rudimentos no exército ou nas oficinas”.

(FOUCAULT. 1987: 146)

Quanto à escola, é outorgado ao professor um poder que é usado de acordo com seu conhecimento e visão de mundo e sua formação acadêmica. É comum entre a classe de professores, o uso de sua autoridade usada aleatoriamente, isto é, o uso abusivo do poder, amedrontando os alunos, fazendo-os sentirem-se inferiores e muitas vezes incapazes para administrarem sua vida. O único problema a respeito da autoridade é: como ela é usada, isto é, seu bom ou mau uso.

É por isso que, no nível do comportamento, se estabelece a luta pelo silêncio e atenção dos alunos de forma autoritária, pelo professor, ou, em atitude oposta, pelo descomprometido respeito do professor ao espontaneísmo do aluno.

A disciplina como educação da consciência histórica não é construída pela produção individual do conhecimento, nem pelo trabalho como partes isoladas, ela exige construção conjunta (participação), solidariedade, autonomia, como opção pessoal de cumprimento das normas de vivência coletiva, postura crítica e interativa e se constrói no trabalho coletivo, no

diálogo, entre interlocutores como sujeitos ativos, e não na relação fala (professor) – silêncio (aluno). Esta relação exige respeito mútuo, responsabilidade individual e coletiva e cumplicidade entre professor- aluno- família.

A dinâmica em sala de aula deve ter como pressupostos a problematização que a transforma em espaço vivo de questionamentos, de observação reflexiva e investigativa, de argumentação, de possibilidade de significar e ressignificar a leitura, a fala, a escrita, produzidos individual e coletivamente e que são instrumentos indispensáveis na construção e prática de uma disciplina como valor, direito construído e conquistado tanto individual como coletivo.

A questão da indisciplina na escola passa pela sociedade como um todo. Os avanços no sentido de uma democracia social, com a luta de grupos organizados por uma vida mais justa e digna, valorização das condições humanas, a indignação ética diante de abusos contra a pessoa humana e contra as minorias sociais e as massas excluídas do processo de produção e posse de bens necessários à vida, são passos na construção de uma consciência coletiva que privilegia o direito e bem comum contra os interesses de uma minoria privilegiada e, nesse sentido, são forças que ajudam a construir o sentido social da disciplina pessoal e coletiva. Assim como o desrespeito às normas de convivência comum ajudam a perverter o sentido da disciplina como mediação de construção do social, as lutas sociais na linha do bem comum ajudam a criar condições de avanço na consciência da disciplina como valor significativo de crescimento pessoal e coletivo.

Nessa confecção coletiva é que se produz o significado social da escola e onde a disciplina ganha sentido, pois permite ao grupo estabelecer normas, procedimentos e condições de realizar as ações e atitudes que concretizem o projeto social. É também na construção coletiva desse processo que se fortalece a auto- estima e a consciência de valor do bem comum, tanto nos alunos quanto na comunidade, professores e família.

Contudo, esses avanços e conflitos sociais só serão construtivos se forem trabalhados criticamente dentro da escola, como saberes necessários à constituição do aluno como pessoa e como cidadão.

Algumas considerações sobre o que se desenvolve na escola

1. Planejamento

Segundo Gandin (1997:19), planejar é transformar a realidade numa direção escolhida, é dar clareza e precisão à própria ação (de um grupo sobretudo).

“...no planejamento temos em mente que sua função é a de tornar clara e precisa a ação, de organizar o que fazemos, de sintonizar idéias, realidade e recursos para tornar mais eficiente nossa ação”.(op.cit.,p.19)

Parafraseando Gandin, uma das maiores dificuldades para que o planejamento educacional se constitua cientificamente, seja eficiente, é sem dúvida, a falta de uma linguagem apropriada, clara e exata. O citado autor é bem claro em suas colocações sobre planejamento e a importância de ter clareza dos objetivos propostos quando da sua elaboração.

O planejamento escolar insere-se no Projeto Político Pedagógico. Quando uma unidade escolar não dispõe desse projeto, sem dúvida é mais difícil realizar atividades que não estão previstas num calendário, onde pais, alunos professores, auxiliares de serviços gerais, enfim todos aqueles que de alguma forma estão envolvidos com a escola e com a educação poderiam trazer contribuições para a melhoria dos atos desenvolvidos no espaço escolar.

Um bom planejamento não é aquele registrado no papel, com objetivos maravilhosos, mas que na realidade não chegam a ser do conhecimento das pessoas envolvidas. Mas, aquele em que todos dão sua quota de participação, suas idéias, até mesmo as contrariedades podem trazer contribuições, porque não é somente através do consenso que se resolvem as situações, pois o conflito desperta a curiosidade propiciando aos envolvidos buscar elementos que, resolvam e transformem as situações ora consideradas difíceis.

O plano da escola explica qual o método que será utilizado, a concepção pedagógica do corpo docente, a teoria que embasa a proposta pedagógica, a contextualização social, econômica, política e cultural da escola, a estrutura curricular, o sistema de avaliação, contempla nesse plano tudo que diz respeito à escola de forma coletiva, orientada e organizada com vistas a atender e contribuir com as pessoas que nela se inserem.

2. Elaboração do Projeto Político- Pedagógico Escolar Coletivo

Para Veiga (1995:14), o projeto político- pedagógico, ao se constituir em processo democrático de toma de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

“A principal possibilidade de construção do projeto político- pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva...inclui o trabalho do professor na dinâmica interna da sala de aula...Buscar uma nova organização para a escola constitui uma ousadia para os educadores, pais, alunos e funcionários”.(op.cit.:14)

Sendo a educação um processo de longo prazo, o projeto político- pedagógico das escolas não pode ser acabado, ele está sempre em construção. É preciso, portanto, sempre que necessário, fazer reformulações, mudar certos itens que se tornaram ultrapassados, já que a educação está em constante transformação; aliás é o que se espera, uma vez que os educandos, como todos os seres humanos são diferentes, as realidades mudam, as condições hoje favoráveis, amanhã poderão não ser mais.

“Não há saída para o impasse da repetição, da mesmice e da desesperança a não ser um claro e profundo confronto com a prática que a instituição vive em determinado momento”. (GANDIN.1997: 90)

A dificuldade de compreensão da necessidade de se elaborar conjuntamente o projeto político- pedagógico nas escolas é evidente, uma vez que torna-se necessário repensar as práticas docentes e discentes, elaborar planos condizentes com a realidade, repensar conteúdos, avaliação e a organização escolar como um todo.

“Com frequência encontramos regimentos, planos globais, enfim as diretrizes que regem a escola, repletas

de nuances democráticas e no fluxo do poder das diversas esferas da organização pedagógico-administrativa em geral, ações antidemocráticas, conteúdos sem significado para os alunos e reforçadores de uma estrutura repressora. Por isso não basta definir uma escola voltada para a maioria da população brasileira nas instâncias consultivas. É preciso oportunizar condições; é preciso o compromisso efetivo tanto das esferas mais altas do poder (macro), como também daqueles que atuam diretamente na escola (micro). Não cabe mais definir modelos normativos passivos e dicotomizados sobre situações absolutamente irrealis. Longe de pretender a sonegação dos conteúdos pela justificativa das condições sociais dos envolvidos, ressalto a necessidade de uma proposta pedagógica que tenha como referencial básico o aluno, o professor, enfim, o grupo social concreto em inserção com o saber elaborado e que necessita ser dominado”. (Id. ibid.: 64)

Foi possível, nesse período de pesquisa, observar a dificuldade que a escola tem em parar para pensar essas questões. Uns julgam perda de tempo, e parar significa, na pior das hipóteses, perder tempo, quando na verdade os momentos que se dedicam para repensar o andamento da escola são profundamente necessários e importantes, fundamentais até para que se avalie e dê continuidade às questões em pauta.

O professor por sua vez, na atuação pedagógica, é um agente privilegiado para a mudança de mentalidade no que se refere à disciplina, pois suas ações e atitudes podem superar dialeticamente uma disciplina autoritária, em busca de uma disciplina mediadora de construção do projeto político pedagógico escolar, que se realize no vínculo do afeto e confiança recíproca.

Em contato com duas professoras da escola, que tiveram coragem de relatar sobre o descaso relacionado ao planejamento escolar, revela que é um caso antecedente à direção atual, uma vez que a anterior, não teve condições de elaborar o projeto da escola. Vera e Marcia, confirmam que a desculpa é sempre a mesma: dá muito trabalho! É preciso parar e envolver todas as pessoas. Chamar representantes dos diversos segmentos da escola, como: membros da comunidade, pais, alunos, professores que em sua maioria trabalham também em outras escolas e não estão dispostos a vir em período diferente para tratar desse assunto. Tudo

isso dificulta a construção de um projeto que envolva toda a comunidade escolar. As pessoas acham tudo muito chato e não vêem motivo evidente para se dispor a elaborar o projeto. “Tenho que reconhecer que foi explicado qual é seu objetivo, mas na verdade não paramos para analisar realmente quais são as metas a seguir. O que a escola já tem de interessante, o que já se desenvolve com os alunos e a comunidade, apesar de ser pouco para se dizer que é um projeto. Temos consciência de que é preciso saber mais sobre o assunto, parar e refletir juntos. Mas, quando será? Só sei que estamos em mais um final de ano e nada aconteceu em relação a isso. Surgem idéias vindas da Secretaria da Educação, mas espaço para elaborar o projeto não consta nem no calendário da escola. Não queremos ser contrárias à direção. Já manifestamos nosso interesse em participar, mas...”

“Em nossas escolas os objetivos não são muito claros. Os planejamentos de sala de aula, geralmente inadequados e dificilmente renovados, determinados sem pesquisa e sem conhecimento da clientela a que se destinam: “... muitas vezes já vem copiados, prontos, pagos, feitos por terceiros”, essa é a realidade que o professor Carlos identifica quando se refere aos objetivos, uma vez que a escola não elaborou seu Projeto Político Pedagógico. Esse Projeto serve exatamente para nortear o andamento da escola, suas propostas pedagógicas, e seus interesses sócio- políticos.

Na escola Sonho Feliz, esse momento de reflexão e o repensar pedagógico não aconteceu por várias razões. Uma delas, segundo a direção e professores: “não é possível parar para pensar essas questões, perderemos muito tempo com conversas e reuniões, até porque a comunidade não gosta de vir à reuniões, não gosta de participar!” É importante lembrar aqui, que o bairro “H” é considerado um dos mais elevados em nível de participação social, segundo pesquisa realizada em 1992, conforme citamos anteriormente.

É possível perceber o desconhecimento que a diretora da escola e alguns professores têm da realidade com a qual convivem, apesar de sempre ressaltarem que “conhecem todo mundo do bairro”.

Dona Aurea, há muito tempo trabalha na escola, e comenta sobre as mudanças ocorridas desde a última eleição para diretores.

“Houve uma época, na administração do Coruja e do Décio- ex prefeitos, mas trato eles assim mesmo, não são melhor que nós. Apesar de terem dirigido esta cidade. Bem ou mal, não quero falar! O que sei, é que quando tinha eleição para diretor, elas quase se matavam trabalhando para conquistá a gente. Era festa, almoço na escola, homenagem, muita coisa que deixava a gente facera, e se sentia mais importante! Com a mudança na política, de

tudo né dona, na Prefeitura e claro aqui na escola, eles mandaram outras pessoas para cá, e a diretora anterior não gostou muito porque começou muita briga, desentendimentos, porque uma acredita no seu trabalho e faz do seu jeito. Quem veio para ajudá na verdade veio pra atrapalhá. Escute só eu falá que entende melhor. Com tudo as mudança que teve, a nossa diretora se viu obrigada a receber ordem que não gostava muito, então mandaram outra diretora, que eles dizem ‘nomeada pela secretaria da Educação e porque trabalho nas eleição do prefeito eleito. Coitada! Ele não tem culpa, mas é desligada, atrapalhada e pelo menos até agora (mês de julho) ainda não convenceu a gente de que vai fazer um bom trabalho. Eu sei que somo difícil de lidá,” (talvez, mesmo sem conhecer a política que envolve a criação do bairro, e por este ser considerado capaz de tomar medidas decisórias, saiba apenas que eles têm poder para interferir em alguma coisa através de sua opinião)- mas ela não deixa a gente chegá muito perto não! Mas isso não me incomoda, porque se a gente se uni, ela sai já daqui, é só nós que quer!”

Mesmo que as pessoas desconheçam sua valorização, têm consciência de que a melhor forma para conseguirem atingir seus objetivos, é através da união, contar uns com os outros, isso se percebe nos depoimentos sinceros e emocionados.

No depoimento do Sr. Joaquim, sente-se a desvalorização por aqueles que realmente conhecem e participam dos anseios e desejos da comunidade, por ser morador do bairro, mas enquanto professor não é valorizado porque pertence ao partido político contrário ao da atual gestão.

Seu Joaquim, membro da APP (Associação de Pais e Professores), da escola, é bastante envolvido com questões relacionadas à escola e à comunidade. Mesmo assim diz: “não tenho oportunidade de opinar nas falhas que a administração tem, pois aqui ninguém me valoriza, acham que sou muito estranho (por minha maneira de falar, de vestir, de defender as pessoas), há muita discriminação em relação à minha pessoa, então deixo fazerem como quiserem, cansei de falar as coisas e não ser ouvido, nem respeitada a minha opinião.”

E acrescenta: “Gostaria que a comunidade pudesse participar mais, o pessoal aqui é bem disposto e gosta de estar junto, (até o momento ele desconhecia a pesquisa feita em 1992, então recebeu uma cópia, que o deixou bastante feliz por saber que alguém acreditava na sua comunidade), eu acredito que as pessoas gostam de participar, mas falta oportunidade. Talvez algumas pessoas da escola tenham medo que a comunidade anule o poder a elas atribuído, dessa forma, mantendo distância, dá uma certa segurança”. E continua... “a diretora anterior conseguia reunir todo o pessoal quando queria, mas era diferente, ela chamava a todos em

encontros de valorização pessoal, encontros de mães, de pais de crianças, de jovens, cada um em datas significativas, como dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, etc. Isso é diferente, porque ela ouvia os anseios da comunidade e quando podia, dava um retorno, através de reuniões e palestras, o que deixava a comunidade satisfeita”.

O Sr. Manoel confirma o que o Sr. Joaquim declara, quanto à pouca participação da comunidade na escola, inquietando-o em relação à sua vida escolar e comunitária. Vale questionar então por que, apesar de tão boas considerações prévias a seu respeito, a comunidade é julgada agora como não participativa?

Segundo o Sr. Manoel, os pais são geralmente solicitados a participar de encontros na escola, quando é necessário realizar alguma festa, o que dependeria da aceitação dos mesmos trabalharem para adquirir meios para sua realização, isto é, conseguir verbas, vender rifas, organizar bingos. Tudo isso em benefício da aquisição de bens materiais para a escola, o que torna a comunidade insatisfeita, conseqüentemente afastando-os, ou melhor dizendo, limitando-os a meros tarefeiros. E como se pronuncia o Sr. Manoel, “somos usados e solicitados quando eles querem, não nos momentos de participação, mas de ajuda financeira, para angariar lucros para a escola”.

Esse descontentamento vem reforçar a visão que se tem de participação comunitária pela atual administração, que, não tendo seu projeto político-pedagógico elaborado coletivamente, desconhece a verdadeira função de valorização da comunidade, e esta por sua vez, sente-se manipulada, útil só quando solicitada, desvirtuando assim seus valores enquanto participativa e atuante.

“A participação, é contudo, hoje, um conceito que serve a três desastres extremamente graves: a manipulação das pessoas pelas “autoridades”, através de um simulacro de participação; a utilização de metodologias inadequadas, com o conseqüente desgaste da idéia, e a falta de compreensão do que seja realmente a participação”.(GANDIN, op. cit. 1997: 56)

A disciplina Participação Comunitária, foi, mais precisamente nos anos de 1988 a 1992, incluída no currículo escolar municipal na cidade de Lages. Essa disciplina objetiva trabalhar questões relacionadas à realidade da comunidade, como por exemplo: horta comunitária, escola de artesanato, onde os pais vão para a escola ensinar a plantar, a costurar, a bordar, a confeccionar obras de arte que aprenderam também com seus pais ou avós, o

tecelão, que tecia tapetes utilizando restos de lã, o sapateiro, função exercida por poucos, mas que era fonte certa de renda. O trabalho objetiva o envolvimento de toda a comunidade, como consequência, as noções de participação se fortaleceram.

No caso do bairro “H”, confirmou-se essa visão de participação, pois desde sua criação era experimentada, já que aconteceu exatamente num regime de mutirão, com o envolvimento da comunidade.

“... se as pessoas, juntas, determinarem não apenas o que fazer, mas, principalmente, antes disto, os rumos a seguir, não haverá problemas de execução, porque todos se sentem parte de um processo”. (GANDIN, op cit.1997:178)

O saudosismo dos moradores é evidente, tornando-os agora mais limitados, menos participativos, menos arrojados, deixando-se levar pela conversa de alguns outros que, ao descobrir essas fraquezas aproveitam-se das pessoas. Como se refere o Sr. Pedro, que no seu depoimento “chora” pelos bons tempos, quando diz: “bons tempos eram aqueles em que todos se reuniam, ajudavam-se entre si, sem depender da prefeitura, (esta, ligada a partidos políticos diferentes daqueles aos quais estavam acostumados), que vem aqui promete e não cumpre, mas na hora do voto sorriem, abraçam e beijam como se fôssemos velhos conhecidos. Isso nos indigna, porque, inclusive uma pessoa aqui do bairro se reelegeu nessas condições de promessas e mentiras. Nós ficamos frágeis diante de pessoas que sabem como usar seu poder, porque antes éramos unidos, hoje, que triste, enfraquecemos!”

“Cada momento histórico tem seus processos dominantes que vão se construindo como se fossem a enxurrada de seu tempo, sintetizando, em sentido, intencionalidades e suas objetivações: estilos de vida, objetivos construídos, formas de organização etc. Esses processos marcam todas as esferas do social; desde a produção, passando pela esfera política, marcando a vida cotidiana...”(GANDIN, op.cit. :.134)

Vale lembrar os depoimentos de pessoas quando foi realizada a pesquisa no ano de 1992, (KRISCHKE, op.cit.,1994/2000) quando se referiam ao projeto em forma de mutirão: “aqueles tempos iniciais, de cooperação e ajuda mútua, foram muito ‘entusiasmantes’ e ‘marcaram para sempre’ a vida dos moradores”.

O bairro, mesmo com as dificuldades que enfrenta, como a desvalorização do processo participativo - uma vez que as decisões hoje, ganharam forças políticas partidárias, diluindo e redimensionando os conhecimentos desenvolvidos por muito tempo através de novos estilos dominantes, levando a comunidade a oferecer resistência em relação à sua prática diária - mesmo assim insiste em conservar alguns critérios de participação com o apoio da Igreja, da Associação de Moradores, a pastoral da Criança e da Polícia Interativa.

Esses órgãos dão continuidade e apóiam a comunidade em seus projetos de ajuda mútua na construção ou reconstrução de casas, e postos de saúde, segurança pública, conservação dos bens adquiridos, sem que essas atitudes dependam de ordens superiores, mas sim das necessidades da comunidade local.

O presidente da Associação de Moradores, 62 anos, Sr. Pedreira, em 4 anos consecutivos de mandato, desde 1996 até 2000, declara: “as pessoas participam muito, apesar das dificuldades, são bastante definidos a participar porque já tem uma história que ajuda a agirem assim.” Ao se referir à política, reconhece que o candidato que tem mais condições financeiras define o voto e que todos reunidos definem politicamente questões da comunidade. “Quando é preciso, a comunidade pega junto!”

3. Relações – comunidade, cotidiano, professor- aluno, currículos

3.1.Comunidade

Nos textos que antecedem este item, falou-se muito em comunidade, das suas relações com o meio escolar, social e político. Mas, o que é realmente comunidade?

“A observação da vida da sala de aula renovou-se de forma considerável; o nível do estabelecimento escolar, desconhecido até então, emerge com um vigor incontestável; o estudo das relações entre a escola e a comunidade ganha contornos mais precisos.”
(FORQUIN,1995:207)

Os diversos agentes que fazem parte do mundo educacional não podem deixar ou passar despercebidos no seu papel de colaboradores, de fundamental importância para que a escola não esteja dissociada da realidade e sem vínculos com o meio em que vivem os seus membros, entre eles o aluno, peça fundamental para que a escola exista.

O senhor Josué fala de comunidade valendo-se de seu conhecimento. “Para mim, viver em comunidade é todos se ajudarem, foi assim que aprendi. Uns ajudando os outros, formando grupos que se respeitam, que enxergam a necessidade do outro e resolvem seu problema sem esperá nada em troca. Comunidade, é o lugar onde nós vivemos, onde o vizinho participa da nossa alegria e da nossa tristeza, e quando um precisa do outro, tão ali, junto!”

Em estudos realizados em torno do tema da comunidade, Forquin (1995:210), sob a influência dos trabalhos de Park e antropólogos culturalistas e alguns pesquisadores em sociologia e antropologia inspirados em T. Parsons, define as “comunidades” seja como “sistemas sociais” (Sanders,1996) ou como “redes de relações”.

“O termo “comunidade” foi igualmente aplicado à área educacional para designar o conjunto de pessoas e grupos, dentro e fora dos estabelecimentos escolares, envolvidos na ação educativa.” (op.cit.)

3.2. Cotidiano

Para Lefebvre, apud Veiga,(1995:54), o uso do termo “vida cotidiana”, refere-se a níveis da realidade social ligados à globalidade. Segundo Heller

“O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que no indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade.” (apud Veiga, op. Cit.:56)

No que diz respeito à escola, segundo Veiga, (id.ibid), é preciso que as decisões institucionais, para se efetivarem, partam da prática cotidiana, sendo portanto necessário conhecê-la, identificando suas características e formas de expressão. Reforçando esse ponto, a vida cotidiana insere-se na história, modifica-se e modifica as relações sociais.

Na realidade, essa preocupação com o cotidiano, pode em alguns casos trazer a instabilidade para o ambiente escolar. Isto é, o conhecimento do cotidiano de seus alunos, torna necessário reformulações na escola, o que provavelmente desestabilizará muitos, trazendo e gerando disfunções na sua atuação na escola e na realidade. Sabemos que a escola funciona de maneira organizada, sim, mas essa organização muitas vezes nada tem a ver com o cotidiano, e sim com conteúdos alheios e dissociados, com profissionais preparados para lidar com determinada clientela - e acrescenta-se aqui o que veremos mais adiante, a baixa

qualificação do professor torna-o vulnerável às inovações, que podem também “mexer” com a estrutura da escola.

“A vida cotidiana da sociedade contemporânea torna-se cada vez mais complexa, exige cada vez mais a utilização de conhecimentos e habilidades que não são adquiridos de forma espontânea e natural.”
(DUARTE,1999:50)

São de fácil percepção as exigências que a educação atualmente faz, relacionadas aos educadores, no entanto estes ainda atendem apelos políticos, quando profissionais de baixa qualificação são designados para atuar nas escolas, desde que bem “amparados, principalmente politicamente”.

Na atualidade, apesar de casos como esses, que criam descompassos provocando incoerências, há a esperança de uma educação de qualidade, como se refere Duarte (ibid.:51), quando diz: “O educador precisa, para poder efetivar plenamente sua tarefa educativa, manter uma relação consciente para com o papel do trabalho educativo na formação daquele indivíduo- educando- concreto que tem diante de si e para com as implicações desse trabalho educativo na produção e reprodução da vida social”.

3.3. Relações professor- aluno

Alguns professores, ainda nos dias atuais, exigem que os alunos os conheçam pelo olhar, pela sua postura ou simples gestos que demonstrem estarem de bom ou mau humor. Os alunos por sua vez, deverão ter a capacidade de habituar-se às diversas facetas que os professores apresentam, “o agitado, o bonzinho, o carrasco, o companheiro, o acomodado,”- enfim poderíamos classificá-los das mais diversas formas. Mas o aluno “deverá” ser sempre o comportado, o obediente, ou o disciplinado, aquele que obedece, cede sem questionar, não incomoda o professor, então será considerado o melhor aluno.

“O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam”.
(FOUCAULT, 1995:147)

Nas relações professor- aluno, percebe-se algumas ambigüidades no que diz respeito à disciplina, pois ao mesmo tempo que se fala em obediência, se fala em apatia daqueles que não participam das aulas. Mas então o aluno que participa e questiona em qual posição se colocaria? Já que quando se é participante e questionador isso incomoda, como então o aluno deve ser? Para elucidar um pouco essas questões, Aquino (1996, : 57) diz: “Ao mesmo tempo que se demanda respeito, educação, senso de limite (no caso, um misto de resignação e docilidade), demanda-se interesse, participação, extroversão, diversidade de opiniões, envolvimento nas atividades da sala de aula... a normatização pode assumir um caráter múltiplo e disperso. Eminentemente disciplinar, ela pode incidir sobre o movimento do corpo ou da linguagem, bem como sobre os supostos desvios de conduta”.

Para a maioria dos professores, conforme dados obtidos na pesquisa, “é melhor que o aluno não pergunte muito, porque daí a gente não precisa parar a aula que preparamos pra responder muitas vezes coisas que nem se relacionam com a nossa aula”. Esse é um Professor de matemática que não vê relações com outras disciplinas, uma vez que na sua trata-se de cálculos, problemas, como se os problemas não fizessem parte da realidade do aluno, e isso dificulta a aprendizagem porque não existem elos que incluam o aluno no contexto.

Sabe-se, entretanto, que as relações entre professor- aluno, e a interação entre eles, são pontos fundamentais para que se atinja os objetivos propostos em relação à aprendizagem, um processo em movimento, que ocorre no ato de aprender e ensinar, tendo em vista a transmissão e assimilação dos conhecimentos.

“O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. O trabalho docente nunca é unidirecional. As resposta e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos.”

(LIBÂNEO,1994: 250)

Numa visão tradicional de ensino, nas relações entre professor- aluno, o papel do professor é o da transmissão do conteúdo, e ao aluno cabe a repetição automática, dependente intelectual e afetivamente do professor.

Para o sócio- interacionismo existe a mediação, onde professor e aluno constroem e descobrem o conhecimento, interagindo o aprender com o ensinar. Porém, essa concepção e

fundamentação teórica, teve no nosso caso a mesma duração da gestão administrativa do PDT, partido político que dirigiu a cidade entre 1993 e 2000.

3.4. Currículo

No que se refere ao currículo, faz-se aqui uma parada maior para repensar essa questão, porque realmente o assunto ainda requer muita atenção, uma vez que mesmo os professores nas escola desconhecem o assunto.

Conversando com alguns professores da escola onde está sendo desenvolvida a pesquisa, fiquei bastante surpresa com a reação dos mesmos quando falei em currículo.

“Bem, professora, a gente precisa ver como é ‘isso’! Vou dar uma olhada no meu diário e ver o que trabalhamos!”

Perguntei se seguiam alguma nova forma de organização na rede municipal, já que a metodologia anterior foi desconsiderada pela administração atual. Sem dúvida, sabemos que, com as mudanças políticas partidárias, também mudaram as educacionais, e perguntei qual era a proposta da educação atual. Para minha surpresa os professores disseram que continuam recebendo informações através de capacitação nas diversas áreas do conhecimento. Mas quando se questiona a metodologia, o embasamento teórico, o currículo que orienta a prática pedagógica surge a dúvida, a insegurança...

Assim fala o professor: “nós trabalhamos com projetos!” Pergunto: quais os temas desenvolvidos e como são definidos, se por área do conhecimento, por região onde situa-se a escola? Afinal como é trabalhar com projeto? Infelizmente novamente não vem a resposta, e o professor se justifica: “Se a senhora quiser a gente se informa sobre os temas e damos a resposta correta depois.”

Fico deveras preocupada com o desempenho da educação local, porque esses professores já fazem parte da educação há muito tempo, e demonstram estarem desorientados no que se refere à educação, já que estão trabalhando e ainda desconhecem a metodologia que eles mesmos desenvolvem no seu cotidiano.

Mesmo assim continuam as falas: “Nós temos tudo marcado o que trabalhamos.”

Então insisti. Qual currículo vocês seguem hoje? “Bem... nós temos os livros didáticos que vêm do MEC, e cada professor trabalha o seu conteúdo, de acordo com a série”. Questiono novamente. Mas, a educação agora não é por ciclos? Como se organizam os currículos num espaço de tempo menor do que se desenvolvia antes?

A resposta vem devagar em meio a dúvidas e incertezas.

“Nós desenvolvemos os conteúdos conforme os livros, e cada professor procura dar conta de seu conteúdo nesse espaço de tempo exigido agora. Enfim, voltamos ao que era a educação há muito tempo atrás. Direcionada, copiada dos livros, e temos que dar conta do recado em tempo menor. Sinto a educação cada vez mais fraca!”

Em meio a essas lamentações, chegamos às conclusões tristes no que se refere à educação, pois nem as atividades diárias que envolvem grande número de alunos estão claras para o professor, revelando o caos que acontece tão perto da realidade e do lugar onde vivemos.

Mesmo relatando as falas de alguns professores a respeito de como acontece a educação hoje, devemos reconhecer que as pessoas são realmente impressionantes, pois nem todos têm as mesmas opiniões a respeito das coisas, e nem todos agem e aceitam da mesma forma, como se manifesta outro professor.

O professor Melo, sempre se posicionou contrário à administração anterior, agora em seu relato sente-se à vontade para dizer o quanto foi difícil ‘engolir’ a maneira como a educação aconteceu em Lages. “Eu me senti manipulado tendo que defender uma educação que eles ‘os chefes’ nos persuadiam a trabalhar. Nunca fui muito crente que esse modernismo na educação trouxesse soluções para os problemas que enfrentamos nas escolas. É difícil ensinar, é difícil convencer nossos alunos de que estudar é preciso. Imagine, se para o aluno receber ordens já é complicado, que dirá para nós que, pelo menos julgamos que sabemos alguma coisa! Sim, porque tem momentos da vida que a gente pensa que não sabe mais nada mesmo, pelas imposições, ordens recebidas, fazendo com que abandonemos nosso conhecimento e passemos a trabalhar com coisas e teorias nas quais não acreditamos e ainda por cima de tudo, são impostas e ‘colocadas’ em nossa prática diária. Nem ao menos pudemos repudiar, ou deixar de cumprir com as exigências, pois as ameaças, apesar de estarem disfarçadas de ajuda, eram constantes. Vocês precisam mudar a forma de trabalhar! É o novo, é a melhor forma de ensinar! Essa teoria vai resolver todos os problemas relacionados à educação! Sinceramente, ouvi, aliás meus colegas de trabalho também, que deveríamos acreditar que o que fazíamos na escola já estava ultrapassado. De certa forma, confesso que muitas coisas me ajudaram, como por exemplo, me forçaram a estudar mais, a buscar novas maneiras de preparar as aulas. Reconheço que entre as dificuldades, houve momentos para reflexão, o que não justifica nem explica que devamos seguir a via de regra tudo o que é imposto pela educação.”

Marta, 22 anos, já fala da imposição de se trabalhar Vigotsky, de uma maneira mais dócil, até quando reconhece que foi uma imposição, pois encontra elementos para abrandar seu relato. “Admito que tudo foi imposto pela educação local, mas também tivemos meios de conhecer essa nova metodologia de trabalho. Tivemos assessoramentos com as pessoas responsáveis pela elaboração das apostilas, por profissionais da Universidade (mesmo que tenha que reconhecer que alguns deixaram muito a desejar). Mais tarde a secretaria envolveu profissionais, colegas de aula nos assessoramentos, trazendo tranquilidade e segurança para os professores. Afinal, eram nossos colegas que estavam juntos conosco, realizando encontros onde podíamos manifestar também nossos descontentamentos, ouvindo nossas angústias em relação à nova proposta e fazendo com que pudéssemos encontrar o melhor caminho para fazer acontecer a educação em Lages, independente de ser obrigatório ou não, e agir conforme deliberava a secretaria da Educação. Reconheço que não foi fácil, mas admito que valeu a pena, pois minha maneira de trabalhar com certeza mudou. Hoje sou muito mais dinâmica, meus alunos participam mais, constroem seus trabalhos com criatividade, são mais seguros, pois eu também melhorei minha autoestima e acredito que posso fazer bem feito o que faço. Sem dúvida para mim a proposta de trabalhar e conhecer um pouco sobre Vigotsky contribuiu bastante para melhorar minha prática pedagógica.”

O redimensionamento estrutural em relação à escola, mais precisamente nas relações professor-aluno, necessita a inclusão da família, de forma coletiva e participativa, diminuindo o espaço entre a escola e a família, o professor e o aluno - tornando a escola um espaço social, constituído por sujeitos históricos, com marcas e identidades distintas que, ao se confrontarem, o fazem na perspectiva de ideais comuns e não na afirmação de vontades pessoais e de pontos de vista individuais ou interesses próprios.

Sob essa perspectiva, é interessante relatar o que o pai de aluno diz a respeito dessas relações família- escola e a participação da comunidade.

João Maria, 44 anos, tem uma vivência bastante grande em relação à participação, pois quando o bairro “H” iniciou ele teve participação na construção de sua casa e ajudou muita gente. “Recordo o quanto nos envolvemos para nos ajudar, para termos uma vida melhor, e isso envolvia a escola, que quando foi preciso, nós também ajudamos. Nem quero falar o quanto foi trabalhado, foi com gosto que fizemos. A diretora da época tinha confiança na gente, mesmo a gente sendo ‘feito’ (assim refere-se a ele mesmo, o que demonstra sua baixa auto estima), ela aceitou nossa ajuda, porque sabia que a comunidade era forte, não de braço, mas de união! Eu e minha véia (a mulher) estava sempre lá na escola, nós não tinha

vergonha de ir lá, porque a gente sabia que era sempre para dar nossa participação e reclamá também quando era preciso. Mas, sempre fomos respeitados. Eu vejo, que escola sem família que tá junto, não é uma escola de verdade, afinal são nossos fios que mantêm a escola, porque escola sem aluno o que é? Sinceramente, nos dias de hoje quando meus netos (viu, já tenho até neto na escola), vão pra aula é diferente, porque a gente nem sabe mais como acontece as coisas lá. Sabe, eles só reclamam quando as crianças fazem bagunça, mas não chamam para a gente ajudar a melhorar isso. Eu acho que podemos ajudá-los sim, nós damos educação pra eles em casa e tivemos uma vida bastante difícil para manter a família, hoje ela quase não tem mais importância. O que será que se faz? Eu gostaria de participar mais, até vou em reunião quando tem, mas geralmente as coisas já estão definidas, é só pra gente não dizer que não foi avisado das mudanças.” Na sua simplicidade este senhor manifesta a insatisfação por não fazer mais parte da escola, como se isso fosse possível. A família e sua participação são fundamentais para que exista escola, daí a importância da sua participação na mesma.

Se os administradores dessem mais valor à participação efetiva das famílias na escola, com certeza muitos dos problemas relacionados à indisciplina, evasão e reprovação diminuiriam consideravelmente, pois só os interessados em fazer dar certo a escola, que ela sobreviva ao caos existente é que poderão de alguma forma interferir e ajudar a melhorar o que aí está, esta realidade dura e insegura.

Isto poderá fazer com que o pensamento a respeito da escola seja mais favorável e o aluno sinta prazer em permanecer e continuar a desenvolver seus conhecimentos. Fazer com isto que seja possível concluir um curso e iniciar outro, buscando sempre mais desvendar tantos mistérios que se escondem nesse mundo em que a escola está envolvida. Também criará condições para que se tenha um ambiente saudável e propício para se construir o conhecimento e contribuir para que se tenha uma sociedade mais justa, com menos excluídos - e quiçá ninguém fique à margem desse mundo maravilhoso, apesar de tudo.

CAPÍTULO 4

UM JEITO NOVO DE APRESENTAR O VELHO

Apresentar o velho talvez não seja a melhor forma de expressão, uma vez que a experiência desenvolvida em Lages é bem recente na sua forma de apresentação e objeto de estudos por parte de pesquisadores e interessados no envolvimento participativo das pessoas no processo de construção da democracia e no exercício da cidadania. Pode parecer uma utopia falar em participação comunitária, mas, felizmente faz parte de uma realidade pautada em realizações, e conquistas de desafios verdadeiros.

Uma comunidade deve estar reunida, mobilizada e respaldada por pessoas interessadas e comprometidas, que tornaram vivo o desejo de serem verdadeiros cidadãos com seus direitos e deveres, formando vínculos com o poder descentralizado, podendo resolver seus problemas a partir de decisões conjuntas e democráticas. Melhorando a qualidade de vida através da participação não só da comunidade local, mas de grande parte da sociedade que engajada possibilitou e tornou possível realizar o sonho de grande parte desses seres humanos, a casa própria. A comunidade foi construída com a solidariedade externa (não confundir com piedade), pois houve trabalho desinteressado de especialistas, como engenheiros e mão-de-obra qualificada, para que tudo acontecesse de forma legal, garantindo também a segurança daqueles envolvidos num trabalho sério e eficaz.

Inicialmente, foi necessário tornar-me conhecida no bairro, pelas pessoas da comunidade, então, através do senhor Joaquim, eleito presidente da APP (Associação de Pais e Professores) fiz meu primeiro contato com a escola, isto é, com a diretora, os professores, os funcionários da parte administrativa e em seguida com os alunos.

As turmas observadas foram de 8ª série, ou seja 3º ano do IIIº ciclo, mas o depoimento de alunos de outras séries foram considerados, pois trazem contribuições para validar e compreender a pesquisa.

Houve mudanças na organização escolar, a seriação deu lugar aos Ciclos, ou seja, o ano letivo divide-se em dois semestres. A intenção é a de manter o aluno na escola por mais tempo, evitando a evasão escolar e a reprovação comum nos dias de hoje, principalmente por alunos que já atingiram mais idade e que continuam no Ensino Fundamental. Apesar das estatísticas mostrarem o contrário, sabe-se que a evasão e repetência ainda são os maiores vilões da educação.

A realidade desses alunos é que não conseguiram terminar o Ensino Fundamental com a idade de até 14 anos, mas que sentem a necessidade de continuar estudando.

A lei que cria as mudanças na Educação em Lages, ou melhor, em Santa Catarina prevê o Ensino em ciclos semestrais, com avaliação dos alunos a cada final de semestre, e o aluno conclui seus estudos mais rapidamente.

A maioria dos alunos que freqüentam essas turmas, já tem mais de 15 anos, alguns bem mais, o que não impossibilita que continuem querendo estudar, apesar das dificuldades encontradas. Este é o caso da aluna Ana, que muitas vezes precisa levar sua pequena filha para a escola, porque não tem com quem deixá-la, já que o jovem marido precisa trabalhar. A jovem determinada a dar continuidade a seus estudos não sabe como agir: "Não quero faltar às aulas, quando trago a menina os professores reclamam que atrapalha as aulas, na verdade é tão difícil que mesmo eles não gostando eu trago, senão vou ter que desistir!"

Esse fato não é isolado na escola, pois há mais adolescentes mães que querem continuar a estudar e esbarram no problema: onde deixar seus filhos enquanto estudam.

A escola por sua vez dá mostras de que dificulta o acesso de alguns e impossibilita a permanência de outros, através das atitudes demonstradas como no caso de Ana.

Foi sugerido à diretora que, através da valorização dos conhecimentos da comunidade em relação à participação e do mutirão, abrisse espaço para que alguém da comunidade pudesse cuidar das crianças, aproveitando uma sala da creche que neste horário está fechada, pois só funciona durante o dia.

Infelizmente, a nova diretora que ocupa o cargo, foi nomeada pela atual administração municipal, desconhece esses valores da comunidade, sua forma de organização e participação, impossibilitando assim tomar iniciativas por insegurança e temor de que, através desse gesto perca sua autoridade e dê mostras de fraqueza, aceitando as sugestões das

peças, pois, realmente não as conhece o suficiente para poder confiar nelas, dizendo: “Não posso fazer certas coisas aqui na escola, porque senão o pessoal toma conta e quer mandar mais que eu, eles vão exigir pagamento e criar vínculos que depois só vão trazer problemas pra mim!”

Vemos que a noção de poder é muito clara, já que teme perder sua autoridade diante de uma comunidade organizada, e prefere não realizar o que se necessita com urgência.

Foram ouvidos inicialmente dois professores, dois funcionários escolares de serviços gerais, que conhecem a história do bairro e a criação da escola e três pais bastante envolvidos e comprometidos com o projeto desenvolvido na origem do bairro, sob forma de mutirão.

Houve afirmações a respeito das dificuldades existentes em relação à aprendizagem, relacionadas à omissão por parte das famílias responsáveis por seus filhos que frequentam a escola. Por outro lado, manifesta-se o desempenho significativo dos alunos cujos pais são participativos e envolvidos nos movimentos do bairro através da participação efetiva.

A pesquisa, para muitos dos entrevistados foi considerada relevante, uma vez que mexeu com o passado tão importante, trouxe à tona momentos agradáveis por saberem que fizeram parte dessa história que foi construída por eles.

Sempre que possível, quando havia encontros para que dessem mais contribuições faziam questão de manifestar o quanto esse passado trouxe contribuições para seus filhos hoje, porque aprenderam a lutar, a participar sem medo, convictos que de alguma forma proporcionaram condições que melhorassem sua passagem por esta sociedade e pela escola.

Sem dúvida que o desenvolvimento político anterior deixou marcas profundas nos cidadãos do bairro “H”, pois vários têm orgulho de fazerem parte desse grupo organizado que até hoje influencia no desenvolvimento escolar de seus filhos e netos.

Essa geração descendente, é mais esperta, mais participativa, mais dinâmica, o que sem dúvida tira o sono de muitas pessoas que gostariam de dominar a todos sem precedentes tão significativos como os dessa comunidade em especial.

Fabiana, aluna do 3º ano do IIIº ciclo, relata: “ Sinto-me feliz por fazer parte desse grupo que já foi considerado especial outrora, afinal meus pais batalharam muito para conseguir o que temos e o que somos. Os amigos e vizinhos gostam de reunirem-se para recordar as coisas do passado e isso os deixa feliz e realizados. Sei, entretanto, que hoje não é mais possível agir da mesma maneira como estavam acostumados, que se reuniam para reivindicar, exigir mais qualidade tanto para o bairro, quanto para a escola. Mas, sei também que à medida que isso se tornar necessário meus pais e seus amigos farão com certeza alguma

coisa que prove o quanto é importante participar e lutar pelos mesmos objetivos. Acredito na união das pessoas que querem o que há de melhor para si e para os outros, mesmo que haja dificuldades e os órgãos e esferas do poder impeçam”.

É normal que com tantas mudanças que ocorrem nas esferas do poder aconteçam conflitos entre as pessoas, há grandes tendências em dissolver e separar grupos organizados com o objetivo de garantir esse poder.

É importante lembrar a história de nossos antepassados para podermos compreender a que vivemos na atualidade. E assim o faremos.

Há muitos espaços existentes nos arredores de bairro “H”, considerados área de risco, por se encontrarem muito próximos do nível do rio que circunda praticamente toda a cidade. É nessa região baixa da cidade que os rios Carah e Caveiras se encontram, ocasionando grandes enchentes que normalmente acontecem entre os meses de maio a setembro, e que, por ironia do destino tem mais lugares, ou são mais procurados pela população pobre por ser de fácil acesso ao centro da cidade, o que facilita seu deslocamento quando necessário.

Esse fator torna-se um ponto a ser observado, uma vez que as pessoas que vêm de regiões vizinhas da cidade, e até mesmo de outros bairros, tendem a alojar-se pelas redondezas. Os problemas gerados são diversos, desde o saneamento básico que é precário, falta de infra-estrutura, planejamento, que causam e geram baixa qualidade de vida, sem o mínimo necessário para sobreviver.

Novos tempos, novas dificuldades, novas expectativas, novos sonhos da realização e construção da casa própria. Parece um sonho que nunca vai acabar, já que a cada dia se formam novas famílias com as mesmas características de anos atrás. Sem condições financeiras, sem trabalho, e o mais incrível, as famílias continuam numerosas. O grande número de filhos é comum às épocas anteriores, como diz a senhora Marizete: “Não sei como acontece, a gente se prepara para viver bem, mas aí vem chegando filhos e mais filhos, a gente não pode ir contra a natureza, então as dificuldades crescem, porque onde vamos conseguir meios para manter toda a família? A tristeza bate à nossa porta cada vez que se aproxima os tempo frios, é aí que se pode entender como é difícil viver nessas condições”!

Esse relato de Marizete confirma, de uma certa forma, a descontinuidade de planejamento familiar e também a despreocupação na área da saúde voltada para esse problema social tão vivo na nossa sociedade. Outro problema que se confirma, é o do planejamento de moradias para os menos favorecidos. Construções em locais que nem mesmo os que mais precisam ousam aceitar, uma vez que, são projetadas em lugares de fácil

alagamento na época das chuvas, que aliás já dão mostras recentemente, por estamos no início do inverno, apesar da estação do ano ser outono.

Aqui na região de Lages, as chuvas são freqüentes, seguidas de muito frio, o que dificulta a vida de uma grande maioria da população. Relacionada a essa realidade, funciona de forma bastante ativa nos bairros mais necessitados a Pastoral da Criança, que atende os mais carentes, coletando roupas e produzindo alimentos alternativos capazes de contribuir como complemento alimentar - através do chamado farelo, incentivado e mantido por organização da Irmã Lurdes, grupo de senhoras voluntárias, que em reuniões diárias elencam as maiores necessidades da região em que trabalham, buscando alternativas para superar essas dificuldades.

O alimento alternativo é composto de folhas de verduras, farelo de trigo e aveia, cascas de ovos triturados, etc., que contribui para o desenvolvimento físico e mental da criança, possibilitando que haja influência na aprendizagem, pois criança bem alimentada e sadia, tem mais e melhores condições de aprender. Parte desse complemento alimentar é doado e distribuído nos finais de semana para que não haja interrupção no tratamento da criança, pois é feito um acompanhamento de seu peso e seu pleno desenvolvimento.

A escola contribui para que continue esse controle de bem viver, de saúde e participação relacionada ao desenvolvimento social. O acompanhamento se dá através da observação do desempenho da criança nos afazeres escolares, na participação, na conquista da cidadania, de forma atuante, apresentando resultados satisfatórios relacionados à construção de seu conhecimento.

Mas quando seu Lupércio fala, o silêncio é grande, pois sua maior tristeza está em considerá-lo analfabeto e isso o desestimula a entrar numa aula para alfabetização de adultos, e continua: “quando procurei a escola para voltar a estudar, sabia o que queria. É estudar pra valer, freqüentar a aula, mas a professora já de início disse que pela minha idade vai ser muito difícil- 54 anos, mas na verdade não sou um burro, sei escrever meu nome e conheço mais desse bairro que a própria professora. Quando precisei vir para cá, foi na época em que estavam desapropriando o Morro Grande que estava condenado a desmoronar”.

O Morro Grande é um local onde parte da população mora em lotes da Prefeitura, constroem suas casas, mas não são escrituradas, e quando se julga necessário remover as pessoas, essas não têm direito a reclamações, e são “convidadas” a retirarem-se e construir em outra área doada pela Prefeitura. Assim aconteceu com o senhor Lupércio, que foi morar no Bairro “H”, sem a menor condição de construir sua casa, isso só aconteceu com a ajuda dos

moradores mais antigos, em regime de mutirão. Hoje, tem sua casa organizada e com título de propriedade. As benfeitorias tiveram a ajuda de muitos, a quem, como ele diz “será eternamente grato!”

Na fala de seu Lupércio sente-se sensação desconfortável quando se refere à escola, pois sua experiência continua a desestimular, contrariando assim o objetivo da escola, que supõe-se, seja de atrair o aluno, independente da idade, mas a realidade mostra o “jeito velho” de como se conduz a educação, excluindo ainda. Em relação à participação, seu Lupércio continua: “...eu acho que o que tinha a fazer já foi feito no bairro, - pára um pouco- mas será que as dificuldade que existe vão ficá como tão? Nós perdemo força de uns ano pra cá, ninguém mais se reúne pra discuti assunto nenhum, ninguém mais qué sabe dos poblema dos outro... assim é dificil conservá o bairro, forte e unido como era.”

O amigo de seu Lupércio, senhor Josué, comenta “hoje há muita desintegração entre as pessoas responsáveis, cada um faz sua atividade, ninguém mais se preocupa se o outro está precisando de algo...há muita desintegração, antes se conseguia saber onde chegar, hoje não se sabe nem para onde vai...” Quando fala desintegração, seu Josué é simples em dizer o que isso significa para ele: é a própria mudança nas atitudes das pessoas, são as divisões de opiniões entre as mesmas pessoas que outrora tinham os mesmos interesses. Hoje, quando cada um reage diferente às mesmas situações, isto é, não tem mais tempo para ajudar, nem disponibilidade, para ele isso é desintegração; a falta de união, até a ‘aparente’ despreocupação. Falo assim, porque nas relações de trabalho pelo bairro percebo que muitos ainda têm vontade de manifestar sua opinião, têm vontade de participar dos acontecimentos que poderiam manter boas relações entre escola e comunidade. Infelizmente, comenta, “fazemo o que podemo e o que pedem. Quando chamam, ajudamo, mas ficamo no nosso canto!”

Seu Josué conta a história de seu falecido pai: “ quando ele chegou aqui, no bairro, em Lages, meu pai não conseguia trabalho por poblema de saúde, eu era pequeno ainda. Ele sofreu um acidente na fábrica em que trabalhava, caiu umas árvores em cima dele e foi dado como morto. O engraçado é que todos pensavam que ele tinha morrido, mas as toras ficaram por cima dele, e depois que conseguiram tirar ele dali é que se viu que estava vivo, mas ele ficou com poblema de coluna. Quando ele teve uma melhora nós viemo embora daquele lugar e chegando aqui encontramos a casa abandonada, porque meu pai já tinha ela quando fomos daqui, e quando voltamo disseram que ele ia perde a casa, porque tinha ficado abandonada. Mas ainda tinha o escritório que cuidava dessas coisas e meu pai foi procurar o pessoal

responsável, tinha o projeto, o banco de depósito (de material), e o meu pai foi entregar a casa que tinham mandado pedir (outros interessados), então o coordenador disse: não senhor, essa casa é sua, foi sorteado e nós vamos ajudar a construir e entregar de novo para o senhor.”

Então seu Josué se emociona ao lembrar a simplicidade do pai e a honestidade em querer devolver a casa, uma vez que não havia continuado as obras, porque funcionava assim: quem parasse ou abandonasse a casa a perderia. “Eu agradeço o que tenho, a casa que moro graças ao meu pai, que com sua honestidade e ajuda das pessoas, teve chance para continuar a construir em forma de mutirão, coletivamente. Nós trabalhava nos final de semana. Tinha engenheiros e pedreiros para orientar a obra, e foi assim nesse sistema que hoje eu tenho onde morar com minha família.”

No seu depoimento o senhor Isac comenta : “eu trabalhei sábados, domingos e nas horas de folga. Eu não ganhei a casa, eu conquistei, porque também ajudei outros construírem as suas casas. Nós temos um contrato de compra e venda dada pela Prefeitura, isso é feito simbolicamente, porque não existia moeda em troca, né. Não temos a escritura porque ainda não conseguimos fazer, mas o contrato é registrado em cartório, com a assinatura do Prefeito, tudo certo. Um contrato válido para qualquer coisa, ele vale como escritura, mas não é escritura. Inclusive quando abri um espaço maior para a ‘venda’- expressão usada na região para referir-se a um bar, onde se vende de tudo um pouco - esse contrato, diante da lei da época é legal, vale até hoje, porque passou pela câmara e foi aprovado, é lei e nisso ninguém conseguiu mexer, mudar, mas tentaram - alguns políticos interessados em fazer o nome.”

E continua: “Teve um Prefeito - cita o nome, mas não vou nomeá-lo agora - , ele veio aqui com a intenção de ganhar votos, fez uma coisa feia, disse que ninguém precisava mais pagar as casas e ia dar as escrituras para todos. Ele pensa que somos bobos, quem é que não sabe que escritura não se ganha, não se dá!. Foi o que ele usou em sua campanha política. Ele inclusive depois, queria mudar a lei e passar como as casas do governo, aquelas do BNH, passando o projeto de habitação para o sistema deles, mas não fechou!. Isso tudo definiu as eleições da época, porque o candidato X prometeu as escrituras, mas como isso não era possível acontecer, ele estava mentindo, nós decidimos não votar nele, e o outro candidato Y ganhou as eleições, porque quem ia na Prefeitura pra ganhar as prometidas escrituras, não recebiam, eram enganados, então isso fez com que mudasse tudo.”

Mais tarde, nas eleições seguintes novo fato aconteceu: “alguns chegaram a apostar sua casa no candidato do PDT, pois as administrações citadas eram elitizadas, consideradas assim pelos moradores, não se pensava mais no povo pobre e se fazia coisas boas para quem

já tinha uma vida melhor, para quem morava mais no centro, então mudamos novamente o rumo das eleições com a nossa união e poder de decisão, pois o pessoal ainda era muito unido, mas hoje...”

Dos dez pais ouvidos, seis deles estão desanimados e não acreditam que seus filhos possam ter melhores condições de vida, pois segundo eles a escola os trata com indiferença, não acreditam em sua capacidade de alcançar ou atingir um grau mais elevado de escolaridade.

Diz seu Souza, como é conhecido no bairro: “É que eles faltam muito na aula dona, percisa trabalhá, trazê o que comê para casa. Eu e a mãe deles não temo mais condição de trabalhá. Não temo estudo. Eu não tenho uma profissão certa, que garanta um emprego por muito tempo. Sou pedreiro, mesmo assim tem pouco lugar pra gente faze algum servicinho. É tudo por pouco tempo, as pessoas não acredita que a gente sabe faze, e pega outro mais novo, nem que cobre caro. O que se tem medo é que a gente sofra algum acidente e daí eles tem que indenizá, e isso impede da gente consegui se manter”.

Os outros pais, um pouco mais jovens, ainda acreditam na possibilidade de conseguirem algo melhor. Alguns voltaram a estudar à noite e trabalham durante o dia. Os filhos ainda são pequenos, e segundo eles não dão muita despesa. A escola é gratuita e ajuda bastante, porque desde os mais pequeninos até os maiores têm seu lugar garantido durante determinado período, o que facilita para pai e mãe trabalharem e construírem alguma coisa juntos.

Esses pais, filhos daquela geração que participava e decidia junto aos Conselhos e Administração da Prefeitura, garantem melhores condições de vida, porque aprenderam a lutar, sabem manifestar seu pensamento de forma coerente e com argumentos significativos, mesmo que as pessoas que administram a escola, principalmente, os julguem “problemas”. Julia refere-se a isso, quando diz que cada vez que reclama de alguma coisa já dizem: - “lá vem problema!” Julia estuda à noite, já tem sua família, mas ajuda o marido com trabalhos semanais como diarista, com trabalho de limpeza em casas de pessoas conhecidas de sua mãe.

“Eu gosto de trabalhar porque assim ajudo meu marido que também trabalha bastante. Quando consegue emprego, precisamos fazer de tudo para que ele continue, ele não tem uma profissão certa, faz de tudo um pouco: é pau pra toda obra, como se diz por aqui. Eu valorizo meus estudos e me esforço bastante para mais tarde poder ser uma professora e ajudar meus alunos a aprenderem bastante como eu aprendo. Para mim vale a pena vir para a escola, vale a pena dizer aquilo que penso, se gosto ou não, mesmo que alguns professores não gostem de

gente muito metida, é assim que eu vou continuar, porque quem fica muito quieto eles pensam que é bobo e mandam demais. A senhora não pense que sou baderneira, não, só gosto de discutir aquilo em que acredito e dar sugestões, afinal estou estudando pra quê? Para fazer de conta que não vejo as coisas acontecerem para alguns que não abrem a boca? Tem gente aqui, (na escola), que gosta de dar ordens e fazer pouco caso da gente, vale-se de sua autoridade e esquece que fazemos parte desta escola e sabemos como agir diante de certas situações.”

Que situações? pergunto. “Se a senhora não contar por aí, tudo bem. Tem gente que é diretora nós sabemos que foi por causa da política que colocou ela aqui.”

A situação a que se refere é sem dúvida desconfortável para a atual diretora, pois, com a atual administração municipal, toda a educação sofreu mudanças também, através da indicação de novos cargos comissionados, principalmente relacionados à direção de escolas e profissionais que atuam na Secretaria da Educação. Conforme a tradição, as pessoas que trabalham na campanha eleitoral de determinado candidato, garantem seu cargo caso este seja eleito. Foi assim que grande parte das direções de escolas sofreram alterações, para descontentamento de muitos da comunidade que viam no dirigente anterior uma pessoa capaz de continuar e manter vivos os trabalhos iniciados.

As substituições que aconteceram também dificultam os trabalhos dos nomeados, porque até conquistar uma comunidade leva algum tempo. Isso é comum pois já estavam acostumados a lidar com as outras pessoas, e sem dúvida quem chega novo na comunidade quer mostrar serviço, independente se vai agradar ou não, mas precisa deixar claro o poder que lhe fora outorgado por seus superiores, gerando insegurança e falta de aceitação, até que tudo entre na normalidade novamente, concluindo mais um ciclo entre as relações humanas.

Sendo nova na comunidade é normal que não seja aceita tão rapidamente. Um outro fator que se verificou, é que a diretora nomeada já tivera problemas de relacionamento com a comunidade, na escola em que trabalhava anteriormente, e sem dúvida os comentários se espalham tornando mais difícil sua administração. Mesmo amparada pela política educacional vigente, enfrenta problemas com os alunos e alguns professores que, sendo efetivos, (isso os torna fortes para manter seu lugar na casa, porque os contratados são designados para qualquer lugar, sem direito à reclamação) valem-se desse poder para dificultar a atuação e as novas regras estabelecidas pela diretora. Desta forma a educação passa por um sofrido processo de adaptação em todas os setores que envolvem o espaço escolar.

As manifestações negativas a respeito da nova profissional se percebe nas comparações feitas pelos alunos, pais e professores, em relação à outra diretora, "...que gostava de conversar com a gente, mas essa nem sabe o que falar, por certo é por isso que fala pouco e mal dá os avisos que é pra gente não perguntar muito. Ela gosta de dizer que aqui na escola não tem problemas, principalmente à noite que é quando estou, não tem problemas de briga, mas de dificuldades de alguns professores em trabalhar com a gente. Eles não tem paciência, não ensinam direito e ainda dizem que não vão perder tempo com quem eles já sabem que vai reprovar. Já pensou, a gente está no começo do ano e já estão falando em reprovar. Estão é sem vontade de ver a gente melhorar de vida e quem sabe um dia ser seu (sua) colega de serviço. Seria legal, heim? Mas eu não desisto, me esforço, pergunto e participo bastante. Quero aprender muito mesmo para ter um futuro muito bom para mim e para meus filhos. Quero ter o direito de participar consciente nas eleições para a direção da escola, dos candidatos que virão, e assim ter mais conhecimento do que se passa nesse mundo".

Considerando o importante papel desempenhado pela comunidade em estudo, tornando relevante sua participação, é normal que na atualidade tenha sofrido mudanças, tenha enfraquecido e havido rupturas, pelo fato de estarem em fase de mudanças políticas públicas e educacionais. O desejo de que se mantivesse a participação geral em todos os movimentos que ocorrem no bairro é real, mas as barreiras enfrentadas pelos envolvidos são grandes e fortes, uma vez que os partidos políticos ganharam força no bairro dissolvendo a capacidade de interferir, de decidir e enfrentar os desafios existentes, até porque estamos vivendo uma nova fase política municipal, acompanhando as mudanças que acontecem em todo o país, trazendo sem dúvida para o local, as inseguranças e descontentamento das pessoas.

É possível garantir através das 30 (trinta) entrevistas desenvolvidas, das diversas pessoas ouvidas, isto é, pais, alunos, professores, e pessoas da comunidade, a vontade de voltar a viver experiências como as do passado e poder ter crédito enquanto cidadão, enquanto pai de aluno, enquanto membro da Associação de Moradores, enfim, o desejo de trazer à tona e possibilitar às pessoas o entendimento de que participar é possível. Se percebe isso nas declarações, nas palavras e nos silêncios, nos suspiros constantes e na ansiedade de que um dia... possa-se ter novamente o poder de decisão e participação.

Quanto à participação dos filhos de pais envolvidos com a comunidade, é muito interessante diagnosticar seu interesse e suas condições de falar e argumentar diante das

exigências impostas pela comunidade educacional, principalmente. É claro que essa não é uma herança linear: há vândalos e desiludidos também entre os filhos dos fundadores do bairro. Afinal, o autoritarismo da escola pesa sobre todos igualmente.

A mudança existente no bairro é real, e as crianças que vivenciaram as atividades eloqüentes de seus pais, jamais serão jovens pacatos e conformados com a situação vigente. Vários deles reclamam, argumentam, definem situações e enfrentam os problemas com segurança, desafiando, talvez ainda de forma um pouco desorganizada, pois falta um líder que encaminhe as decisões, que faça a frente para dar segurança, para organizar as idéias, para tornar viva novamente a democracia participativa que trouxe felicidade, nova forma de vida, mais segurança e mais vontade de fazer parte dessa sociedade que por vezes comete tantas injustiças e mapeia quem fará parte do grupo dos excluídos. Estes excluídos são principalmente aqueles que não tiveram a oportunidade de ter exemplos que sirvam para orientar os passos de um futuro tão incerto para todos nós.

CONCLUSÃO

Partindo do pressuposto de que a realidade educacional enfrenta sérias dificuldades e que a sociedade pouco, ou quase nada, faz para mudar o quadro que hoje se apresenta, é maravilhoso de alguma forma interferir, ou entrosar-se através da pesquisa nesse mundo tão amplo, mas que para muitos é ainda tão restrito. As diversas facetas que a educação apresenta entre o cotidiano e os afazeres que envolvem a escola, mais precisamente a educação, são no mínimo curiosos.

Vejamos, numa comunidade outrora considerada participativa, apresentando e exercendo a democracia, o curioso é encontrar algumas dessas mesmas pessoas, com suas características decididas, firmes, estarem, ou se tornarem hoje, numa postura de submissão e desânimo. Essa característica felizmente não se pode considerar epidêmica, pois as sementes lançadas em tempos de ventos favoráveis, germinaram e também produziram bons frutos. Não podemos olhar para um universo com olhares tão pequenos e ínfimos, mas vislumbrar grandes distâncias, considerando a amplitude do que se colhe.

“Aos poucos, de mansinho, como quem não quer nada, vão ressurgindo os antigos conceitos de participação popular, em suas várias versões: participação comunitária, participação democrática da comunidade. ...Emergem com uma nova força, haurida nos anos duros de subjugação e na árdua prática dos movimentos sociais significativos. Traduzem basicamente, o exercício da cidadania na perspectiva das possibilidades de manifestação coletiva da sociedade”.*

* Ver Folha de São Paulo, 1981

Em termos de participação e alternativas para exercer a democracia em tempos difíceis, a postura continua firme por parte de alguns entrevistados que viveram ativamente essa fase inicial, e que são os disseminadores do sentimento de viver em época tão produtiva quanto os anos 80, em que o prefeito de Lages, e sua comitiva conseguiram desenvolver e tornar viável a participação do povo em favor da democracia.

Bons ventos, bons tempos, tudo existe para incentivar o ser humano a buscar e enfrentar desafios em relação à sua e à vida das pessoas a quem se quer bem, seja por ligações pessoais ou não. Pois é essa a maneira de tornar válido um projeto arrojado, que “não olha a quem, mas faz o bem”.

Não podemos, entretanto, perder de vista as questões políticas que levaram os cidadãos a mudar sua postura, mas podemos avaliar os resultados positivos que trouxeram, através do desenvolvimento cognitivo e participativo, mesmo que fato tão significativo seja restrito a um bairro. Essa experiência “respingou” noutros tantos, que mostraram e manifestaram o desejo de tornarem-se e fazerem parte da história de um povo que luta, que decide e que faz, independente das relações de poder e políticas estabelecidas, e que teve sua contribuição na vida de pessoas tão simples, mas que puderam viver a liberdade de expressão participativa.

É um tanto interessante voltar anos, ao passado pouco distante para realizar a presente pesquisa. Os dados obtidos na pesquisa anterior, já citada, são relevantes para entender os dados atuais relacionados à participação da comunidade, pois felizmente, parte dela continua envolvida com desenvolvimento e a preservação do conhecimento adquirido, tornando válida a importância de participar e pôr em prática, incentivando a comunidade a agir e conservar o que fora tão significativo, mesmo que as mudanças atuais em relação à visão de participação não seja assim tão valorizada nos dias de hoje, pois novas formas atuam através da tercerização da mão-de-obra de vários setores da nossa sociedade, onde o ser humano passa a ser, não mais peça fundamental para a sobrevivência, mas sim um colaborador nas atividades desenvolvidas.

As entrevistas realizadas mostram que as pessoas mais antigas, que estão há mais tempo no bairro exercem mais poderes, fazem valer suas idéias, conservam a ideologia da participação e da vida construída em mutirão, pois conforme surgem as necessidades movimentam-se, agem e solucionam algumas dificuldades, demonstrando força e união, sem esperar que os órgãos competentes realizem e resolvam suas necessidades. Exemplo disso é a exigência da comunidade por um atendimento policial competente, uma vez que o bairro

tornou-se um local de seguidas agressões físicas às pessoas, o tráfico de drogas cresceu e há um grande número de desempregados, consequência da falta de incentivos à implantação de indústrias e geração de empregos pela administração municipal, gerando sérios problemas para a cidade, consequentemente para os bairros.

Nos capítulos que compõem esta obra que de modo especial envolveu uma parte da minha vida como pesquisadora, tenho o prazer de relatar esses momentos vividos, através da sinceridade e a emoção com que as pessoas reviveram fatos importantes. Cada um desses agentes tornou possível estarmos agora escrevendo, e talvez um dia, e espero que em breve, outras pessoas possam desenvolver um trabalho assim significativo, proporcionando a outras tantas também o gostinho de participar. Isto significa tornar vivas as lembranças dos que já tiveram essa oportunidade, e permitir a outras envolverem-se em questões sociais relacionadas à educação e à participação, que por sinal é um direito do cidadão. Desenvolver também novos projetos viáveis, possíveis de tornar mais emocionante e saudável a vida de centenas, e por que não milhares, de pessoas.

Quanto ao que se refere à educação, às vezes é desanimador ouvir relatos de pessoas tão jovens com idéias tão velhas, isto é, o medo de prosseguir os estudos por falta de condições, desde econômicas até de aprendizagem. É ainda mais triste constatar que em muitos casos, a própria escola exclui, quando inviabiliza a permanência do aluno em seu espaço. São os currículos dissociados da realidade. São as metodologias ultrapassadas e sem atrativo. Não que a escola devesse virar um circo, cheio de atrações, mas que consiga atrair a atenção do aluno possibilitando que este faça parte do processo da aprendizagem. Não se pode mais voltar ao tempo do: “eu ensino você aprende”. Nos dias de hoje (aqui falo enquanto professora), nós precisamos inovar, criar meios para que o aluno se interesse e participe.

É preciso também que aqueles cujos pais já tiveram a oportunidade de serem participativos dêem exemplo de coragem e o coloquem em prática desempenhando bem seu papel de educando. Que questionem, tragam contribuições e realmente façam parte do processo que vivem.

Das artimanhas que a escola apresenta, uma das mais discutidas é a indisciplina. Em razão de quê aumentou tanto? Muita coisa mudou no espaço escolar, ou não? Continua a reprodução? O que há de novo na escola, se as formas de coerção, de compensações, ainda se apresentam fortes? Violência, quanta violência! Física? Na maioria, verbal, disfarçada de orientação em forma de violência simbólica, que não dá mostras da sua atuação.

“ ... a educação, no sentido lato, não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão-somente um dos eixos que compõem o processo como um todo. Entretanto, algumas funções adicionais lhe vêm sendo delegadas no decorrer do tempo, funções estas que ultrapassam o âmbito pedagógico e que implicam o (re)estabelecimento de algumas atribuições familiares...a educação escolar contemporânea parece, na maioria das vezes, ter sucumbido a uma pronunciada demanda de normatização da conduta alheia.¹

“Há, portanto, efeitos físicos. Mas, o objeto imediato é a reeducação da alma do indivíduo, para que se livre das tendências delinqüenciais em sua vida. O tempo que conta aqui não é mais o da resistência do corpo aos ataques lentos e parcelados do suplício e sim o dos processos administrativos que julgarão o erro e determinarão a responsabilidade do réu sobre o crime.²

Por certo o jeito novo de apresentar o velho, nem tão velho assim, seja a maneira que se pode encontrar para reviver, em muitos, que participar e viver a democracia é possível, basta ter coragem de enfrentar as críticas, o descontentamento de muitos, a omissão de outros, e talvez um dia, sentar-se com outros envolvidos e trazer à tona o passado dando nova vida ao que já tivera antes uma outra forma de vida.

Pode parecer um sonho, como dizem os poetas. E nos lembra bem Paulo Coelho:.. “é somente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante!”

A realidade pode mostrar-se fria diante de um sonho, e isso não se pode superar. Isso é perceptível na realidade da escola, da educação, das maneiras como se conduz esse processo. Ao mesmo tempo que se sonha, a realidade aparece para desanimar muitos, enquanto que outros, como nós, educadores, sociólogos, continuamos envolvidos e sedentos em descobrir meios de tornar a vida interessante. Estamos aí para desafiar, confiar e participar desse mundo maravilhoso, ainda a ser construído.

¹ Aquino, 1996, :46

² op cit, :62

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ALVES, Marcio Moreira. A Força do Povo. São Paulo: Brasiliense, 1980
- ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. Razão Comunicativa e Teoria Social Crítica em Jürgen Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997
- AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996
- _____ Confrontos na Sala de Aula: Relação Professor- Aluno: do pedagógico Institucional, São Paulo: Summus, 1996
- BOURDIEU, Pierre. Jean Claude Passeron. A reprodução, Elementos para uma teoria do sistema de ensino, Trad. Reynaldo Bairão, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982
- BORTOLOTTI, Nelita. A Interlocução na Sala de Aula. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- DEMO, Pedro. A Nova LDB : Ranços e Avanços. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.
- DUARTE, Newton. Vigotski e o “Aprender a Aprender”: Crítica às apropriações neoliberais e pós- modernas da teoria vigotskiana, Campinas: Autores Associados, 2000
- _____ Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotski, São Paulo: Autores Associados, 1999

- FOLHA DE SÃO PAULO. Em Lages o povo toma conta de seus assuntos. Distribuição pela Prefeitura Municipal de Lages. Assessoria de Comunicação Social, 1980
- FONTANA, Roseli. Ap. Cação. Mediação Pedagógica na Sala de Aula. Campinas: Autores Associados, 1996
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; trad. Raquel Ramallete, Petrópolis: Vozes, 1987
- FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. A Produção da Ignorância na Escola: uma análise crítica do ensino da língua escrita na sala de aula, São Paulo: Cortez, 1994
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Psicologia e Educação. Vygotsky Bakhtin. São Paulo: Ática, 1995
- GANDIN, Danilo. A Prática do Planejamento Participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos, cultural, social, político, religioso e governamental, Petrópolis: Vozes, 1994
- _____ Planejamento Como Prática Educativa, São Paulo: Loyola, 1995
- GOUVÊA, Antonio Fernando de. Política Educacional e Construção da Cidadania. In: Silva et. al.(orgs.). Porto Alegre: Sulina, 1996.
- GUARESCHI, Pedrinho. Sociologia Crítica: Alternativas de Mudança, Porto Alegre: Mundo Jovem, 1995
- HABERMAS, Jürgen. Consciência Moral e Agir Comunicativo. Tradução Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HORA, Dinair Leal da. Gestão Democrática na Escola. Campinas: Papyrus, 1994
- KRISCHKE, Paulo José. Participação Social e Cultura Política, Revista Municípios. 2000
- LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública. A Pedagogia crítico social dos conteúdos, São Paulo: Loyola, 1995
- _____ Didática, São Paulo: Cortez, 1994

- MEKESENAS, Paulo. Sociologia, São Paulo: Cortez, 1994.
- MIZUKAMI, Maria da Graça. Ensino: As abordagens do Processo, São Paulo: Epu- Ed, 1986
- MOLON, Suzana Inês. Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky. São Paulo: Educ, 1999
- NOGUEIRA, Maria Alice. Teoria & Educação. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa, Porto Alegre: Dossiê, 1991
- NOVAES, Maria Helena. Psicologia Escolar, Petrópolis: Vozes, 1996
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento. Um Processo Sócio - Histórico. São Paulo: Scipione, 1995.
- PALANGANA, Isilda Campaner. Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky. (A Relevância do Social). São Paulo: Plexus, 1994.
- PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia, São Paulo: T. A. Queiroz, 1993
- PETITAT, André. Produção da Escola. Produção da Sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente, trad. Eunice Gruman, Porto Alegre: Arte Médicas, 1994
- REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: Uma perspectiva Histórico Cultural da Educação. Petrópolis, R J : Vozes, 1995.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. Poderes Instáveis Em Educação, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999
- SEDREZ, Suzana. Educação Pública: democratizar com que competência? Blumenau: Letra Viva, 1996
- VEIGA, Ilma Passos A.(org.) Projeto Político- Pedagógico da Escola: uma construção possível, São Paulo: Papyrus, 1995
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1994

ANEXOS

CONCEPÇÃO DE HOMEM, MUNDO, SOCIEDADE E ESCOLA, SOB A VISÃO DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO*

O processo de construção do conhecimento humano foi possibilitado, ao longo da história, pela sua capacidade de transformação da natureza. A mão, extensão do corpo e materializadora dos processos da mente permitiu-lhe moldar a realidade a partir do olhar e do desejo interior de modificar o existente. Esta condição humana de ver e transformar a realidade possibilitou o desenvolvimento de um sistema simbólico de comunicação através da convivência com os outros homens. Ser de comunicação e diálogo, eis o homem que surge para ritmar os processos vitais do planeta: projetar a transformação e a existência na consciência para imprimir um ritmo de trabalho. Superar, assim, a fantasmagoria, a magia e o empirismo pelo conhecimento e pela ciência.

O homem é uma síntese de múltiplas determinações (sociais, políticas, geográficas, econômicas e culturais), situado contextualmente. As suas idéias são os reflexos ativos da experiência. É na produção da existência que a consciência se desenvolve e projeta os processos da experiência humana, dialeticamente. Esta produção da vida material configura-se como elemento condicionador do social, do político e do econômico.

O progresso da ciência, o desenvolvimento da humanidade e o crescimento populacional, aliados à necessidade da produção da subsistência humana, delegam à escola a organização e a reprodução do conhecimento. Para além da repetição e da memorização e de um conhecimento inútil, é fundamental saber quem é o homem que está na escola. Um homem/mulher/criança/adolescente, sócio-culturalmente determinado a ser pobre máquina? Não: um cidadão/cidadã de direitos que precisa ter no conhecimento a sua arma. Arma capaz de torná-lo crítico, reflexivo, com capacidade de analisar e sintetizar a realidade. Uma escola

* Texto adaptado por J.Daum, da obra de Rego, para capacitação de professores,2001

verdadeira será aquela que oportunize, através de um currículo que tenha uma intenção, e seja organizado e ordenado cumprindo sua função de ensinar, e ensinar bem, tendo conhecimento do objeto de cada disciplina, sabendo delimitar qual a importância do mesmo na organização da vida coletiva em cada comunidade.

No trabalho em sala de aula o professor não pode perder a dimensão do conteúdo, da forma e da avaliação, que são os alicerces do currículo escolar e a materialização do projeto político-pedagógico na unidade de ensino.

Conteúdo: o que se trabalha em cada conteúdo, quer na apostila ou no plano de ensino do professor, é previamente pensado, com objetivos claros e articulados com a concepção de educação e de aprendizagem desenvolvidas.

Forma: como se trabalha cada conteúdo em sala de aula, através de metodologias que consigam trazer presente as dimensões psicológicas, filosóficas e ideológicas do currículo escolar.

Avaliação: Crê-se num ser que deve ser comparado com o outro? Critérios iguais para indivíduos distintos? O que permeia a avaliação é a relação de aprendizagem resultante do conteúdo e da forma em que cada área é trabalhada, fundamentadas na filosofia e no projeto pedagógico, respeitando a concepção de desenvolvimento humano e de aprendizagem, num processo do diagnóstico para a emancipação.

Um método de ensino não pode ser apenas didático e linear, ele precisa ser dialético, na compreensão de que educador e educando são seres históricos (recebem influência diretamente de sua época e de seu meio), e que através da práxis (atividade concreta pela qual o sujeito se afirma no mundo através da ação consciente, unindo dialeticamente teoria e prática, enquanto transformação) têm a potencialidade de alterar a realidade objetiva (realidade vivenciada de cada um), transformando-a e transformando-se a si mesmos. Este método precisa, no encaminhamento da sala de aula, considerar: *a prática social* - quem é o aluno, de onde veio, o que sabe, de forma dialógica. *Contemporizar* as relações maiores que se estabelecem com os outros e com o conhecimento, que solicitam outros conhecimentos, indo além no espaço e no tempo do aluno e da compreensão do professor. *Recursos* necessários para a construção e produção do conhecimento, e não mais apenas para o reproduzir.

Numa concepção sócio- interacionista, o desenvolvimento humano da aprendizagem é possibilitado através da sua capacidade de aprendizagem. É na relação de interação que o homem estabelece com os outros homens e com o meio natural que o conhecimento se constrói. Do concreto para o abstrato, na formação dos conceitos espontâneos. E esse objeto do conhecimento, o conceito, num segundo momento, é o possibilitador, com a interação com os outros homens e com o meio do conceito científico, da organização do processo abstrato para o concreto, da linguagem humana.

Através dessa interação e da relação ensino-aprendizagem influenciados pelos agentes sociais, políticos e econômicos que interferem na apropriação do conhecimento, é que a escola não poderá mais ser uma instituição independente, pois está inserida neste contexto.

Necessário se faz que haja mais valorização das experiências culturalmente acumuladas, e sob essa perspectiva, a ingenuidade de alfabetizar uma criança somente com a cartilha passa a ser questionada, não se concebendo assim que criança alfabetizada é aquela que apenas reconhece algumas letras e faz cópias.

Para tanto é preciso compreender a concepção sócio- interacionista, na qual a linguagem é um trabalho coletivo e histórico, que não serve apenas para a transmissão de informações, mas é capaz de revelar e organizar a consciência e o pensamento, representando o real e permitindo operações mentais complexas, dado seu caráter simbólico.

A continuidade da alfabetização se estende às séries iniciais seguintes, mediadas pelo professor, provocando conflitos, causando oportunidades de reflexão e propiciando a participação em questões que dizem respeito a todos, no processo de construção do conhecimento.

Vigotsky aborda uma maneira de entender a origem e evolução do psiquismo humano, as relações entre indivíduo e sociedade e, como consequência, um modo diferente de entender a educação, através da concepção sócio-interacionista.

Ao admitir a interação do indivíduo com o meio como característica definidora da constituição humana, Vigotsky refuta as teses antagônicas e radicais, o inato e o adquirido: as abordagens ambientalistas (pela exagerada e exclusiva ênfase às pressões do meio) e nativistas (pelo desprezo às influências externas e pela supervalorização do aspecto hereditário e maturacional), suas proposições parecem apontar para uma superação das oposições consagradas no campo teórico da psicologia, na medida em que indicam novas bases para a compreensão da atividade humana.

Nessa abordagem vigotskiana, o que ocorre não é uma somatória entre fagentes inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social em que se insere.

Vigotsky rejeita os modelos baseados em pressupostos inatistas que prescrevem características comportamentais universais do ser humano, como por exemplo, as definições de comportamento por faixa etária, por entender que o homem é um sujeito datado, atrelado às determinações de sua estrutura biológica e de sua conjuntura histórica.

Para Vigotsky, o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de agentes isolados que amadurecem, nem tampouco de agentes ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim através de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro.

A perspectiva histórico-cultural do psiquismo, elaborada por Vigotsky, fundamenta-se no método e nos princípios teóricos do materialismo histórico-dialético.

Marx e Engels propõem uma perspectiva materialista-dialética para a compreensão do real, para a construção de conhecimento e para o entendimento do homem. Segundo eles, os fenômenos materiais são processos históricos. Colocam assim como princípio último da realidade a própria matéria. A matéria é um princípio dinâmico, ainda não constituído, está em processo, evolui dialeticamente, segundo a tríade: tese, antítese e síntese.

De acordo com essa abordagem, o pressuposto primeiro de toda a história humana, é a existência de indivíduos concretos, que na luta pela sobrevivência organizam-se em torno do trabalho, estabelecendo relações entre si e com a natureza. Apesar de fazer parte da natureza (é um ser natural, criado pela natureza e submetido às suas leis), o homem se diferencia na medida em que é capaz de transformá-la conscientemente segundo suas necessidades.

É através dessa interação, que provoca transformações recíprocas, que o homem se faz homem. Dessa forma, a compreensão do ser humano implica necessariamente na compreensão de sua relação com a natureza, já que é nesta relação que o homem constrói e transforma a si mesmo e a própria natureza, criando novas condições para sua existência.

A noção de produção pelo trabalho (encarado como motor do processo histórico) não apenas diferencia o homem dos animais como também o explica: é pela produção que se desvenda o caráter social e histórico do homem. O homem é um ser social e histórico e é a satisfação de suas necessidades que o leva a trabalhar e transformar a natureza, estabelecer relações com seus semelhantes, produzir conhecimentos, construir a sociedades e fazer a história. O homem faz parte da natureza e a recria em suas idéias, a partir da sua interação com ela.

Na escola, as atividades educativas, diferentes daquelas que ocorrem no cotidiano extra-escolar, são sistemáticas, têm uma intencionalidade deliberada e compromisso explícito (legitimado historicamente) em tornar acessível o conhecimento formalmente organizado.

A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe (o conhecimento que ela traz de seu cotidiano, suas idéias a respeito dos objetos, fatos e fenômenos, suas “teorias” acerca do que observa no mundo), ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, na linguagem vigotskiana: incidir na zona de desenvolvimento potencial dos educandos.

Desta forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar, passando a construir a base que possibilitará novas aprendizagens. Para que a criança possa dominar os conhecimentos é fundamental a mediação de indivíduos, sobretudo dos mais experientes de seu grupo cultural.

Vigotsky define o “nível de desenvolvimento real”, como as funções mentais do homem, que já estão estabelecidas, decorrentes das etapas de desenvolvimento já inteiramente cumpridas pelo sujeito. Este nível de desenvolvimento seria aquele que é observável ou verificável através de testes e verificações.

É no conceito de “Zona de desenvolvimento proximal” que encontramos a justificativa teórica e os indicadores de quais ações podem, de fato, ser auxiliares e provocadores do desenvolvimento da criança, quando interage com outras e observa como estes enfrentam e resolvem problemas.

O longo caminho do desenvolvimento humano segue, portanto, a direção do social para o individual.

Acerca do papel do professor, este deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação para os alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também tem um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual. Ele é o elemento mediador (e possibilitador) das interações entre os alunos e das crianças com os objetos.

A linguagem é um trabalho coletivo e histórico, resultado de uma experiência. Tendo essa natureza social e cultural, a língua tem suas regras constituídas no jogo da linguagem, e originadas na prática social: as escolhas de quem produz a linguagem são reguladas pelo outro, pelo grupo e pela situação histórica.

Para assegurar o domínio da linguagem numa dimensão tão ampla, é preciso permitir que a criança vivencie situações em que a atividade da linguagem seja posta em “uso” para que seja interiorizada.

No processo de aquisição da linguagem escrita, a aprendizagem e as elaborações mentais organizam-se a partir das relações sociais. A linguagem escrita demanda um plano mais elevado de abstrações, pois passa pela elaboração das representações complexas da correspondência grafema–fonema (letra- som) e exige a criação de um interlocutor a ser imaginado, enquanto a linguagem oral é precedida de um motivo, de uma pergunta, de uma provocação ou mesmo de um comentário do interlocutor.

Então, se a escrita não tiver uma razão de ser, se ela não responder a uma necessidade humana, não terá sentido nenhum no esforço de aprender, ou ensinar a escrever.

Em razão disso, o professor deverá desenvolver atividades que explicitem o que a escrita representa, os seus valores e usos sociais e a forma de organização desse sistema de representação. Para isso, poderá realizar atividades ou dramatizar situações em que ocorram necessidades de uso da escrita, colocando a criança em contato com material variado: rótulos, revistas, jornais, placas, embalagens, etc.

Assim sendo, o professor estará mediando o conhecimento, possibilitando a apreensão daquilo que foi ensinado, e /ou construído.

Vemos, portanto, que o sonho de um mundo melhor, com menos excluídos, mais pessoas com acesso ao conhecimento já faz parte da realidade dos filósofos, sociólogos, psicólogos, enfim das várias camadas da sociedade que acreditam na educação e nos envolvimento participativos da comunidade.

Sejamos, pois, colaboradores, contribuintes dispostos a investir em qualidade para uma grande quantidade de pessoas, e que através de nosso esforço, a educação passe a ser a essência para o ser humano.

O POVO EM MAIS DE DUZENTAS ORGANIZAÇÕES PARTICIPA ATIVAMENTE DA ADMINISTRAÇÃO:

Só o povo organizado poderá superar as dificuldades impostas pelo regime autoritário e elitista que desgraça a vida dos brasileiros. Esta certeza e os princípios peemedebistas são praticados diariamente em Lages com o objetivo de transformar esta sociedade, implantando justiça e democracia.

A participação popular, em Lages, é uma realidade exemplar a partir dos trabalhos do PMDB e da administração de Dirceu Carneiro. Os sub-diretórios, as associações de moradores, conselhos de pais de alunos de escolas municipais, núcleos agrícolas, clube de jovens do campo, o hortão, grupos artísticos, associação de pequenos e médios comerciantes, hortas comunitárias, times de futebol somam hoje quase trezentas organizações populares.

É através delas que a Equipe Dirceu Carneiro ouve os anseios legítimos da população, normalmente relegada a um segundo plano, sem voz e sem vez. É com elas que se enfrentam e solucionam-se um sem número de dificuldades. Estas organizações, enfim, são a "Força do Povo" e tem participado até da discussão do orçamento da Prefeitura. Elas sustentam e dão legitimidade ao que aqui vem sendo feito. Cabe a elas, portanto, e às pessoas que nelas atuam, os méritos de tudo o que aqui está sendo feito com o objetivo de tornar mais digna a condição de vida de cada irmão



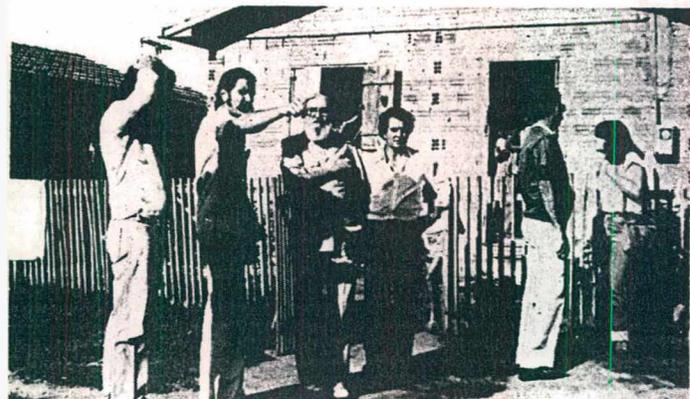
nosso.

As organizações populares são linha de frente da nossa gente no enfrentamento a opressão do Governo que, ao aproximar-se a data das eleições, tenta por todos os meios

enganar, subornar e oprimir o povo que já avançou na conquista de sua libertação. Não será a demagogia barata, o falso discurso e mentiras (como a anunciada opção pelos pequenos e pobres) que demoverá o povo de sua

luta para afastar do poder os corruptos a serviço do interesse de poucos, conservando a pobreza e infelicidade de muitos, durante tão longo período de ditadores e governadores nomeados.

HABITAÇÃO POPULAR, UM PROJETO COPIADO, DISCUTIDO, ELOGIADO E RECOMENDADO ATÉ PELA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.



O Projeto Lageano de Habitação notabilizou não só, o Prefeito Dirceu Carneiro e sua administração, nas Lages. Instituições brasileiras como internacionais tem-se debruçado sobre o exemplo e princípios que nortearam este processo de construção de casas para quem não tem recursos. Ao invés de endividarem-se e serem atrelados ainda mais à política e economia do Estado, os beneficiários do Projeto Lageano de Habitação conquistam sua casa, ganhando liberdade. Exercita-se o sentido de ajuda ao próximo, do trabalho organizado oferecendo às pessoas condições de readquirir em a confiança em si mesmas, capacidade perdida a cada injustiça e exploração que sofrem neste modelo de sociedade injusta.

Prefeituras em todo o País, e administradores de outras partes, têm tomado como modelo esta rica experiência dos nossos irmãos lageanos, de menos recursos.

O Projeto Lageano de Habitação e o baixo custo das construções são uma denúncia dos altos lucros

obtidos pelos sistemas convencionais de habitação.

Até governos de outros Estados têm procurado Lages para informarem-se e tentar imitar o que aqui vem sendo feito. Norte-americanos, franceses, africanos da Tanzânia também aqui estiveram para ver com os próprios olhos esta obra feita com a Força do Povo e Equipe Dirceu Carneiro.

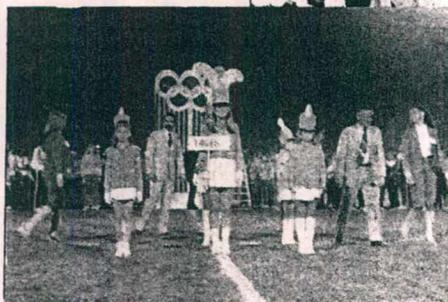
A própria organização das Nações Unidas recomenda como forma para superação do déficit habitacional em países pobres, o exemplo de Lages.

Atualmente, já somam 500 casas construídas, sendo que até o final do mandato de Dirceu Carneiro deverão atingir a mais de 700 casas, com o segundo núcleo habitacional recentemente iniciado para beneficiar, especificamente, moradores do Bairro Passo Fundo que, a cada enchente, viam-se literalmente "sem casa". O Projeto Lageano de Habitação e o baixo custo das construções — em média, inferiores ao custo de uma televisão colorida — são uma denúncia dos altos lucros obtidos pelos sistemas convencionais de habitação.

PROJETO DE CULTURA RESGATA VALORES E ORIGENS DE NOSSA GENTE.

Quem ainda não assistiu uma Mostra do Campo, ainda não percebeu o despertar da nossa gente para nossas origens, para o falar, nossa música, canto, trova, artesanato. Nossas tradições são ricas e sua autenticidade vem sendo resgatada e cultivada pelas promoções da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Município.

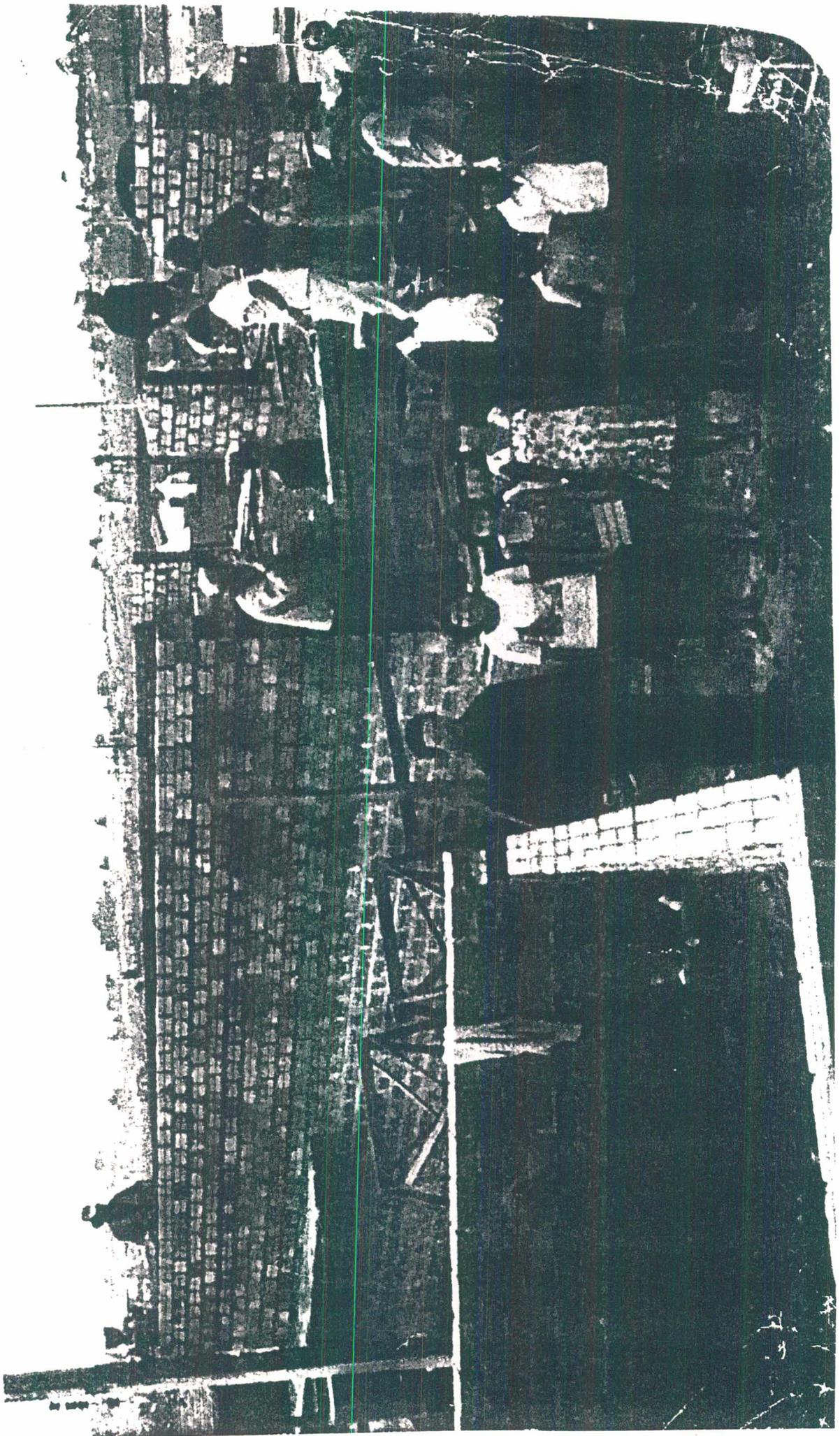
O nosso carnaval ganha cada vez mais colorido e continua



sendo uma festa popular e não apenas espetáculos para turistas.

Nos esportes, os Jids e Jibs envolvendo centenas de equipes de futebol dos distritos e bairros estimulam jovens ao lazer sadio. Outra promoção como os Jogos Abertos, realizados no ano passado serviram para despertar em nossa terra o gosto pelas práticas esportivas e olímpicas. O alto custo de preparação dos ginásios, praças de esportes, canchas para realização dos Jogos Abertos será compensada pelo entusiasmo despertado na população pelo esporte amador.

A gralha azul com suas peças infantis e seu trabalho nas praças, bairros e interior também propicia não só espetáculos para toda a população mas desenvolve nosso gosto para as artes. O nome da Gralha como tantos outros trabalhos da administração promovem Lages em todo o País.





K LAGES
PREFEITURA A FORÇA DO POVO

